

POESIAS

TYP. DA EMPR. LITER. E TYPOGRAPHICA
↙ (Officinas movidas a electricidade) ↘
RUA DA BOAVISTA, 321 * PORTO * 1918

DA MESMA AUTORA:

“A REVELAÇÃO DOS PERFUMES”

(CONFERENCIA LITERARIA-1916)

GILKA DA COSTA MELLO MACHADO



POESIAS

1915-1917



EDITOR
JACINTHO RIBEIRO DOS SANTOS
82—RUA DE S. JOSÉ—82
RIO DE JANEIRO

—
1918

A' superioridade espiritual

DE

Antonio Carlos Ribeiro de Andrada

Homenagem da minha gratidão

*A minha Mãe — minha primeira amiga —
o meu livro primeiro.*

«Arte é a arte de conter o infinito numa expressão»

Crystaes partidos

*No torculo da fôrma o alvo crystal do Sonho,
Musa, vamos polir, num labor singular:
os versos que compões, os versos que componho,
virão estrophes de ouro após emmoldurar.*

*Para sempre abandona esse teu ar tisonho,
esse teu taciturno, esse teu simples ar;
pois toda a perfeição que dispões e disponho,
nesta artistica empreza, é mister empregar.*

*Seja espelho o crystal e, em seu todo, reflecta
a tragica feição que o horror comsigo traz,
e o infinito esplendor da belleza infinita.*

*E, quando a rima soar, enlevada ouvirás
percutir no teu sêr, que pela Arte palpita,
o sonoro rumor do choque dos crystaes.*

Silencio

A Antonio Corrêa d'Oliveira

Mysteriosa expressão da alma das cousas mudas,
Silencio — pallio immenso aos enigmas aberto,
espelho onde a tristeza universal se estampa.
Silencio — gestação das dôres crueis, agudas,
solenne imperador da Treva e do Deserto,
estagnação dos sons, berço, refugio e campa.

Silencio — tenebroso e insondavel oceano,
tudo quanto nos teus abyssos vive immerso,
tem a secreta voz dos rochedos, das lousas.
És a concentração do sêr pensante, humano,
a vida espiritual e occulta do universo,
a communição invisivel das cousas.

Um intimo pezar toda tua alma invade,
ó meu velho eremita! ó monge amargurado!
Dentro da cathedral da verde natureza,
ouço-te celebrar a missa da Saudade
e invocar a remota effigie do Passado,
dando-me a communhão sublime da tristeza.

Crystaes partidos

16

Seja engano, talvez, do meu cerebro enfermo,
mas eu comprehendo os teus sentimentos profundos,
eu te sinto cantar olentes melopéas...

Foste o inicio de tudo e de tudo és o termo.
Silencio — concepção primitiva dos mundos,
cosmopéa ethereal de todas as idéas.

Silencio — solidão de symptomas medonhos,
pantano onde do mal desenvolvem-se os vermes,
fonte da inspiração, rio do esquecimento,
lagôa em cujo fundo os sapos dos meus sonhos,
postos alheamente, inanimés, inermes,
fitam de estranho ideal o fulgor opulento.

O' Silencio! O' visão subjectiva da Morte!
— refúgio passional que eu sempre busco e aneio,
gôso de recordar... torturas e confortas,
pois fazes com que ao teu influxo eu me transporte
ao seio da Saudade, a esse funereo seio
— esquife onde revejo as illusões já mortas.

Da scisma na minha alma o triste cuinho imprimes,
és o somno, o desmaio, o natural mysterio,
trazes-me a sensação dos gélicos tormentos;
e si nesse teu ventre hão germinado os crimes,
no teu cérebro enorme, universal, ethereo,
têm-se desenvolvido os grandes pensamentos.

Luz

Luz — concepção primeira e cosmica da Treva!
por esse teu fulgor lançares, dispenderes,
a belleza da Forma o olhar attrahe e enleva,
gosa a vista os da Côr emotivos prazeres.

Por ti fluctua no ar dos perfumes a leva,
és o verbo de Deus, o poder dos poderes,
o alimento vital que as cousas todas ceva,
o calor que impulsiona a machina dos sêres.

És o semen do Sol, que a Mãe-Terra fecunda,
que na treva germina e varias formas toma,
de cuja producção a humanidade é oriunda.

Possa eu sempre te vêr por tudo distribuida,
luz que és som, luz que és côr, que és sangue, força, arôma,
que és idéa a medrar no cérebro da Vida.

Ancia azul

A Francisca Julia da Silva

Manhans azues, manhans cheias do pollen de ouro
que das azas o Sól levemente saccode!...
quem dera que, numa ode,
como numa redôma,
eu pudesse contêr o intangivel thezouro
da vossa luz, da vossa côr, do vosso arôma!

Manhans azues, manhans em que as aves, em bando,
entôam pelo espaço o hymno da Liberdade!
Que anceio formidando!
Que sêde de infinito o cerebro me invade!
Esta luz, esta côr, este perfume brando,
que se evolva de tudo e que, de quando em quando,
o Vento — acolyto mudo,
passa thuribulando;
esta mystica fala,
que das cousas se exhala

e conclama, e resôa
em toda a natureza,
como uma etherea lôa
entoadá á vossa olympica belleza;
tudo á libertação, tudo ao prazer convida
e faz com que a creatura ame um momento a Vida.

Lindas manhans azues!
manhans em que, qual um zumbido
de tão intensa, a luz
sôa por todo o ambiente, echôa-me no ouvido,
e o Sol no alto espreguiça as multiplas antennas,
quente, lucido e louro,
como um bezouro
de ouro,

Manhans suaves, serenas,
manhans tão mansas, tão macias,
que pareceis feitas de pennas
e melodias...

Tudo se espiritualisa
á vossa côr sublime, suggestiva,
onde ha dêdos de luz levemente a accenar...
a essa invencivel suggestão captiva,
na aza abstracta da brisa,
a alma das cousas sobe e fluctua pelo ar.

Eu, como as cousas, sinto indefinidas ancias:
a attracção do Ignorado,
a attracção das Distancias,

a attracção desse Azul,
ao qual meu pobre ser quizera transportado
vêr-se, da Terra exul.

E que gôso sentir-me em plena liberdade!
longe do jugo vil dos homens e da ronda
da velha Sociedade
— a messalina hedionda
que, da vida no eterno carnaval,
se exhibe phantasiada de vestal.

Manhans azues, manhans em que os vírides prados,
pelo vento ondulados,
parecem mares calmos,
e os mares, mollemente espreguiçados,
sobre as praias espalmos,
são vastos, verdes e floridos prados.
Manhans em que nas estradas
— lindas romeiras, enfileiradas,
diante do vosso sumptuoso templo,
que alto reluz — as arvores contemplo,
dansando todas, com gestos lentos,
ão som dos ventos,
na festa sacra da vossa luz!

O' magicas manhans!
vós me trazeis ao cérebro ancias vans.
O fulgor que de vós se precipita,
perturba minha vida de eremita,
açora-me os sentidos

na narcose do tédio amortecidos;
ao vêr a Natureza toda em festa,
do seu pagode abrir as portas, par em par,
o meu sêr manifesta
desejos de cantar, de vibrar, de gosar!...

Esta alma que eu carrego amarrada, tolhida,
num corpo exausto e abjecto,
ha tanto acostumado a pertencer á Vida
como um traste qualquer, como um simples objecto,
sem gôso, sem confôrto
e indifferente como um corpo morto;
esta alma, acostumada a caminhar de rastos,
quando fito estes céos, estes campos tão vastos,
aos meus olhos ascende e deslumbrada avança,
tentando abandonar os meus membros já gastos,
a saltar, a saltar, qual uma alma de creança.
E analysando então meus movimentos,
indecisos e lentos,
de humanisada lêsma,
eu tenho a sensação de fugir de mim mêsma,
de meu sêr tornar noutro,
e sahir, a correr, qual desenfreado pôtro,
por estes campos,
escampos.

De que vale viver,
trazendo na existencia emparedado o sêr?
Pensar e, de continuo, agrilhoar as idéas
iaes nas tôrpes ferropéas;

ter impetos de voar,
mas preza me manter no ergastulo do lar,
sem a libertação que o organismo requer;
ficar na inercia atróz que o ideal tolhe e quebranta...

.....

Ai! antes pedra sêr, insecto, verme ou planta,
do que existir trazendo a forma da Mulher!

Aves!

Quem me déra têr azas,
para acima pairar das cousas rasas,
das podridões terrenas,
e sahir, como vós, rufando no ar as pennas,
e saciar-me de espaço, e saciar-me de luz,
nestas manhans tão suaves!
nestas manhans azues, lyricamente azues!

Natal

Natal. Cada rumor que sae da Terra é um hymno.
No olhar de toda creança ha da alegria o brilho;
neste dia nasceu o louro Deus-Menino,
e um astro assignalou do céu seu aureo trilho.

Ante a tua infantil alegria, meu filho,
vendo-te, qual Jesus, misero e pequenino,
como de um crime ré, toda minha alma humilho
ante o tremendo horror das trevas do Destino.

Não teve a Virgem-Mãe, quando o triste futuro
de Jesus lhe era um dia annunciado, previsto,
esta duvida atróz em que meu sêr torturo!

E por ti mando aos céos minhas supplicas mudas:
ah! prefiro te vêr soffredor como Christo,
a te saber na vida um máo, um vil, um Judas!

Estival

Ao Dr. Miranda Ribeiro

Accende-se o Verão.
A selva é uma officina,
onde operando estão
todos os elementos naturaes;
e, ao violento calôr das forjas estivaes,
a cigarra buzina,
marcando as horas de descanso e ebulição.

O ar, que de azul se adensa,
expelle irradiações de polido crystal;
o olhar se eleva e pensa
que uma poeira de vidro cae da altura,
que ha vidro em pó no chão, na montanha, no val.
O Sol culmina, o Sol deslumbra, o Sol fulgura!
— é um rutilo vitral,
pondo todo o esplendor da sua illuminura
no largo tecto azul da etherea cathedral.

A agua se inflamma, o azul se inflamma, a terra
parece toda em combustão;
o olhar a custo se descerra
e os olhos ardem, como brazas, adeante
da paizagem cremante
do Verão.

Longe, distingue-se a feição das casas
qual uma singular constellação.

O ar é tão morno
que parece provir de uma occulta cratera,
que a sensação nos traz do bafio de um forno,
A natureza reverbera,
e o Sol que se destaca
no azul de um céu fulmineo,
é uma accesa placa
de alumineo.

A toda vastidão da selva inunda, invade,
a solar claridade.
Nas arvores se faz um tal sopôr,
nas frondes ha uma tal oleosidade,
que as arvores, supponho, á solar claridade,
estão tresuando de calôr.

Do meio-dia na hora,
é plena a quietação; nem uma ave apressada
faz ouvir do seu vôo a cadencia sonora,
nem a expressão de um gesto o olhar divulga, nada
se move, a Terra está como que asphyxiada;
apenas, de onde em onde,
echôa pelo espaço e sae de cada fronde
um som agreste, um som nervoso e emocional,
um som de verde-vegetal:
é a cigarra que canta, é a cigarra que tece
hymnos ao Sol, ao deus possante, ardente e louro!
mas tal é a solidão na selva, que parece
a natureza inteira estar cantando em côro.

Perfume

A Alberto de Oliveira

Vaga revelação das sensações secretas,
das mudas sensações dos mudos vegetaes;
arco abstracto que afina as emoções dos poetas
e que ao violino da alma arranca sons iriaes.

O' perfume que a dôr das plantas interpreta
e encerras, muita vez, desesperos mortaes!
busco sempre sentir-te errar, nas noutes quietas,
quando teu floreo corpo em somno immerso jaz.

És um espirital desprendimento ao luar,
si á noute sonha a flôr do calice no leito,
e és a transpiração da planta á luz solar.

Mas, si acaso te extrahe o homem — sêr destruidor,
perfume! — decomposto, inane, liquifeito,
és a essencia, és a vida, és o sangue da flôr.

Sandalo

A Antonio Egas Moniz Barreto de Aragão.

Quente, esdruxulo, activo, emocional, intenso,
o sandalo espirala, o espaço ganha, berra...
e eu, que soffrêga o sôrvo em longos haustos, penso
sêr elle a emanação da volupia da Terra.

Odôr que o sangue inflamma e que um desejo immenso
de prazeres sensuaes em nossas almas ferra,
quer perfume o brancor de um rendilhado lenço,
quer percorra, a cantar, as brenhas, o êrmo, a serra.

Quando o aspiro a embriaguez em mim se manifesta,
e ebria do amôr transponho a virential floresta,
onde a Luxuria, como uma serpente, assoma...

Ha rumores marciaes, sangrentos, aggressores,
de trompas, de clarins, cornêtas e tambores,
na fôrte exhalção deste infernal arôma.

Incenso

A Olavo Bilac

Quando dentro de um templo — olente flôr de prata,
o thuribulo oscilla e todo o ambiente incensa,
fica fluctuando, no ar, frouxa, azulada, immensa,
uma escada etheral, que aos poucos se desata...

Emquanto bamboleia essa escada e suspensa
paira, uma ancia de céos o meu sêr arrebatada
e, por ella, a subir, numa fuga insensata,
vae minha alma ganhando o rumo azul da Crença.

O thuribulo é um sino a dobrar, quando em quando...
arde o incenso... um rumor ondula, no ar se espalma...
andam no meu olfacto azas brancas roçando...

E, si acaso de um templo o largo umbral transponho,
logo o incenso me enleva e transporta minha alma
á cathedral azul da religião do Sonho.

Odôr dos manacás

A J. M. Goulart de Andrade .

De onde vem esta voz, este fundo lamento
com vagas vibrações de violino em surdina?
De onde vem esta voz que, nas azas, o Vento
me traz, na hora violacea em que o dia declina?

Esta voz vegetal, que o meu olfacto attento
ouve, certo é a expansão de uma magua ferina,
é o odôr que os manacás soltam, num desalento,
sempre que a brisa os plange e as frondes lhes inclina.

Creio, aspirando-o, ouvir, numa metempsychose,
a alma errante e infeliz de uma extincta creatura
chamar anciosamente outra alma que a despose...

Uma alma que viveu sosinha e incomprehendida,
mas que, mesmo gosando uma vida mais pura,
inda chora a illusão frustrada noutra vida.

Rosas

A Luiz Murat

I

Cabe a supremacia á rosa, entre o complexo
das flôres, pelo viço e pela pompa sua,
e o arôma que ella traz sempre á corolla annexo
o coração humano excita, enleva, estua.

Quando essa flôr se ostenta á luz tibia da Lua,
o luar busca enlaçal-a, amoroso, perplexo,
e ella sonha, estremece, oscilla, ri, fluctua
e desmaia, ao sentir esse ethereal amplexo.

Si é rosea lembra carne ardente, palpitante. . .
nívea — lembra pureza e nada ha que a supplante,
rubra — de certa bocca os labios nella vejo.

Seja qualquer a côr, por sobre o hastil de cada
rosa, vive a Mulher, nos jardins flôr tornada:
— symbolo da Volupia a excitar o Desejo.

II

Rosas cujo perfume, em noutes enluardadas,
é um sortilegio ethereo a transpôr as rechans;
rosas que á noute sois risonhas, floreas fadas,
de cutis de velludo e tenras carnes sans.

Sejaes da côr do luar ou côr das alvoradas,
rosas, sois no perfume e na alegria irmans,
e todas pareceis, á luz desabotoadas,
a concretisação dos risos das Manhans!

O' rosas de carmim! O' rosas roseas e alvas!
ha nesse vosso odôr toda a maciez das malvas,
a púbere maciez do pêcego em sazão.

Dae que eu possa gosar, ao vosso collo rente,
esse perfume, a um tempo excitante e emolliente,
numa dubia, sensual e suave sensação!

Violeta

A Mario Gameiro

És, das flôres, a flôr que a primazia alcança,
pois flôr não ha que tenha arôma, si ao teu lado;
Jesus, ao te beijar um dia, quando creança,
o anhelito divino em ti deixou gravado.

Sempre que o teu odôr para os ares se lança,
nelle, de um violoncello escuto o som maguado,
som que é a voz da Saudade e da Desesperança,
e que me vem narrar a historia do Passado.

Amo-te porque em ti vive a tristeza impressa,
porque não és vaidosa e immersa vives, nessa
perennial solidão que o viço te não lesa.

Como podes (commigo ás vezes scismo, penso),
sendo pequena, assim, conter perfume intenso
e possuir essa austera e original bellezá?

Sempre-viva

Sempre-viva, teu nome exprime quanto vales,
e, embora te não desse arôma a Natureza,
quem, como eu, padecer o maior dentre os males,
por força ha de exalçar-te a original belleza.

Quer abroches num hôrto ou na campá assignales
uma grata lembrança, eternamente accesa,
vive essa chamma de ouro inserida em teu calix,
como um sol que a surgir illumine a deveza.

Exposta ao sopro rijo e inclemente do Vento,
aos queimores que o Sol impiedoso te lança,
não te rouba a tortura o fulgor opulento.

És como esta paixão (minha paixão estulta!),
que o tumulo a enfeitar de uma extincta Esperança,
aos rigores da Sorte esplende, viça, avulta!

Aranhol verde

A Rodolfo Machado

Embora queira
dar-lhe nome, não sei como se chama
esta viçosa trepadeira
que de alvas flôres se recama;
sei que, ás vezes, supponho uma aranha invisível
ande tecendo viridente trama
do meu telhado ao nível...

Não tem um anno ainda,
mas já completamente o meu quintal ensombra,
e, por ser nova, inda é mais linda
no seu virgem verdor velludoso de alfombra.

— Incansavel fiandeira —
eil-a que, prestes,
no largo tear do espaço fios lança,
todo o telhado encobre,
alonga-o em glauco tecto,
pelas paredes pende... e a minha choça

já não tem aquelle aspecto
avelhantado e pobre,
como que se enriquece e se remoça;
e ó minha choça como ficas prazenteira,
e com que garbo, embora velha, vestes
esse fato verde que te torna creança!

Por uma destas noutes
teve ella o parto das primeiras flôres;
e, dessa noute em deante,
o meu olhar se estanca,
ante essas flôres de pellica branca,
nas quaes ella resume
a belleza da fórma e o encanto do perfume;
flôres cuja corolla
não resiste do vento aos mais leves açoutes.

Talvez fugindo aos investigadores
olhos do Sol, de lume causticante,
só pela noute escura
ou quando a luz discreta
do luar na treva rola,
ella, a florea brancura,
na escuridão projecta.

Sua sensual fragrancia,
qual magnetico fluido,
entra meu abandono, meu descuido,
chama, mesmo á distancia,

que, ao seu apello,
sente,
qual pachorrento gato,
o prazer emolliente
de uma enluvada mão a acariciar-lhe o pêllo.

Mal principia a ennoutecer,
caminho, como que instinctivamente,
para o seu pallio redolente,
buscando de aspiral-a o espirital prazer;
e ás vezes o silencio é tão pleno, é tamanho,
a solidão tão grande,
que ella, supponho, ao meu olhar se expande,
sinto-a se elastecer
e vejo-a — polvo estranho —
os tentaculos verdes distender!

Seu perfume é melloso,
tem qualquer cousa que emmacia,
qualquer cousa subtil de luxuriante gôso;
nos meus sentidos de tal fórmula actua,
que a minha pelle (incrível cousa!) fica fria:
como que me unto na fragrancia sua.
Quando agonisa o Dia,
poem-se os meus sentidos a gozar
esse perfume doce e lamuriento,
alvo como luar,
molle como unguento.

Assim, si, á sua sombra, a meditar repouzo,
frequentemente seus viçosos braços,
num gesto languoroso,
pendem pelos espaços...
e, á sensação de cada
galho que me roça pelo fragil busto,
apavorada a espio,
num rapido arrepio
de susto!
Do meu socêgo, subito, arrancada
á suggestiva solidão do ambiente,
creio nella se encontre disfarçada
uma ignorada
e vegetal serpente.

Vi-a nascer,
crescer
e florescer;
cuidosa mão plantou-a um dia,
para visual alegria
do meu sêr.
Nesta ausencia total do meu proprio prazer,
buscam sempre os prazeres exteriores,
estes olhos cansados de fitar
minhas intimas dôres;
e que gôso estender pelas manhans o olhar
no suspenso tapiz dos seus verdores!

Mas, talvez por muito amal-a,
uma idéa presaga
todo meu sêr abala...
é que ha na planta que me delicia
amplamente estendida,
a consistencia de uma phantasia:
é um fio a sua vida...
Assim aberta, totalmente expansa,
numa alegria alviçareira,
veja-a reproduzir minha secca esperança,
tecendo a trama da illusão primeira.

(Não tenhas tu, formosa trepadeira,
a curta duração
dessa minha illusão...)

Quando, pelas caladas
da noute, os olhos ergo á sua renda espêssa,
e alvas, esphericas, paradas,
contemplo as flôres suas
(talvez porque o seu cheiro me entonteça),
cuido esteja a florir sobre a minha cabeça
um verde céo cheio de luas!

Dentro da noite

A Annibal Cardozo de Castro

As laranjeiras estão floridas
e, sob o véo alvo do luar,
de branco assim todas vestidas,
parecem virgens a caminho para o altar.

*A alma nos fica inteiramente preza
de um mystico languor,
ao perfume que exhalam na deveza
os laranjaes em flôr.*

Ha um ruido de oração, de longe em longe,
anda o hyssope da Lua aspergindo todo o ar,
e o Vento reza como um velho monge,
para no altar da sombra as arvores casar.

*Emquanto a noite fulge toda accesa
para a festa do Amôr,
vão desfolhando as flôres da pureza
os laranjaes em flôr...*

Crystaes partidos

40

E, fecundando as viçosas vidas,
as laranjeiras, par a par,
assim se casam nas ermidas,
nas ermidas lyriaes, lactescentes do luar.

*Um pollen branco, de ethereal leveza,
— porphyrisado amôr,
distribuem por toda a natureza
os laranjaes em flôr.*

E, aos laranjaes que andam noivando, vêde :
a alma goza um prazer secreto e salutar,
adormecendo, como numa rêde,
neste perfume que anda a oscillar... a oscillar...

*Julgo absorver a essencia da Pureza
no vosso meigo odôr,
ó virgens laranjeiras da deveza!
ó laranjaes em flôr!*

Beijo

Beijo, beijo de amôr — ave em cuja aza crêspa
o espirito se eleva a paragens ethereas,
ignivoma, nervosa e zumbidora vêspera,
que infiltra nas arterias
da volupia o fervente e orgiaco veneno;
som que ao festivo som de um guiso se assemelha,
que a um só tempo é gemido, é gargalhada e é threno;
semente, que a vermelha
flôr da luxuria vem plantar sobre o maninho
solo da alma; licôr que se contem da bocca
na amphora coralina; espiritual carinho;
bala rubra que espôca
no labio; arredondada e rútila e sonora
phrase que vem narrar do amor todo o aureo poema,
e que entender só póde o ente que ama, que adora.
Beijo de amôr — suprêma
delicia, original pomo da arvore da alma,
cujo galho, a subir, vae pender sobre a ameia
do labio, pomo que ora excita e que ora acalma.

Dentro, em nós, mais se ateia,
ao contacto febril do labio amado e amante,
das ancias a fogueira, e dos beijos o ruido
sêr julgo o crepitar dessa fogueira estuante.
Beijo de amôr — olvido
para os males da ausencia; astro canoro e rubro
que no horizonte arcoal do labio humano aponta;
flôr que adorna do affecto o sumptuoso delubro;
aurifulgente conta
que, ó Alma! vaes enfiar no collar dos prazeres;
rumor que, em si, contem scintillas polycores,
sonora confusão das boccas e dos sêres;
mixto de sons e odores,
beijo, beijo de amôr — escandalosa lôa,
que, na festa pagan do luxuriante gôso,
em louvor á Cupido a humana bocca entôa;
elixir delicioso,
que ao paladar nos traz da saudade os resabios;
remedio com que, ó Ancia! esse teu mal ensalmas;
beijo, beijo de amôr — matrimonio dos labios
— concubito das almas.

Sensual

Quando, longe de ti, solitaria, medito
neste affecto pagão que envergonhada occulto,
vem-me ás narinas, logo, o perfume exquisito
que o teu corpo desprende e ha no teu proprio vulto.

A febril confissão deste affecto infinito
ha muito que, medrosa, em meus labios sepulto;
pois teu lascivo olhar em mim pregado, fito,
á minha castidade é como que um insulto.

Si acaso te achas longe, a colossal barreira
dos protestos que, outr'ora, eu fizera a mim mesma
de orgulhosa virtude, erige-se altaneira.

Mas, si estás ao meu lado, a barreira desaba,
e sinto da volupia a ascosa e fria lêsma
minha carne polluir com repugnante baba...

Olhos verdes

Ha na vibrante côr dos teus olhos, creatura,
a virential frescura
dos verdes e viçosos vegetaes ;
teus olhos são, na côr e na espessura,
florestas virginaes,
onde das illusões o alacre bando
passa, de quando em quando,
cantando . . .

Olhos de expressões graves e fidalgas,
postos na introversão dos intimos scismares.
Olhos que lembram solitarias algas,
pompeando á superficie esmaecida dos mares.

Olhos onde do olhar alheio mal escondes
a tua alma asteroide, a tua alma singular,
pois, como através das frondes
côm-se pelo espaço as filandras do luar,

tua alma os olhos te ablué, inunda,
transvasa e o rosto te illumina e banha
de uma luz albuginea, luz estranha,
luz que do luar supponho oriunda.

Ha nos teus olhos a verdura intensa
das aguas mortas, das estagnações,
e quem os vê, depressa, pensa
vêr tenros tinhorões...

Olhos de cujo olhar os gonfalões desfraldas,
e deixas a rolar por todo o ambiente,
como uma chuva undante, uma chuva esplendente,
uma diliquescencia de esmeraldas.

Quando entreabro do sonho os fenestraes postigos
e aos teus olhos amigos,
para melhor os vêr, envio o olhar,
tuas pupillas julgo orvalhados pascigos
onde, sempre a pastar,
vive, das illusões proprias só das creancinhas,
o armento de ovelhinhãs.

Olhos que lembram folhas pendidas,
folhas do vento na aza levadas,
postas em tristes, hiemaes jazidas
de alvacentas estradas.

Olhos macios,
cujos olhares supponho rios
a desaguarem nos olhos meus:
olhos de tal mysticismo feitos
que, olhos herejes ficam sujeitos,
só por fital-os, a crêr em Deus.

Divinos olhos, cujas pupillas,
langues, tranquillias,
são duas malvas,
malvas escuras,
abertas sempre sobre as brancuras
das corneas alvas...

Olhos com os quaes meus olhos maravilhas
de luz,
olhos que são abandonadas ilhas
do oceano á flux...
ilhas distantes,
apparecidas em alto mar,
onde os meus olhos — dous navegantes,
andam buscando sempre aportar.

Olhos serenos, olhos de creança,
de olhar queixoso como onda mansa,
como onda calma,
que lasso, leve, langue se lança
na praia solitaria da minha alma.

Olhos solennes e scismadores,
verdes como os oceanos, como as franças,
olhos — embalsamadas esperanças
postas sobre o brancor de estaticos andores.

Olhos tristonhos,
por onde vejo, em procissão e em côro,
desfilarem verdes sonhos,
sob os arcos triumphaes dos supercilios de ouro.

Olhos perfidos

Olhos da triste côr dos ambientes mortuarios,
onde paira uma luz de cirio a tremular ;
eu um dia suppuz que fosseis dous alvearios,
porque havia um sabor de mel no vosso olhar.

Como no espelho arcoal de putridos aquarios
á noute se reflecte o fulgor estellar,
a vossa podridão, olhos fataes e vários,
vem, ás vezes, um lume estranho illuminar.

Vejo, si em vosso todo acaso o olhar afundo,
que, em vós, como no horror de um lodaçal immundo,
geram-se occultamente os microbios de um mal.

E eu, que buscava abrigo á alma desilludida,
toda me untei de lôdo, infeccionando a vida,
ao contagio da vossa emanação lethal !

Sino

Na solidão claustral das torres sempre pôsto,
o sino é um monge eril, um monge solitario,
que reza de mansinho a oração do desgosto,
e desfia de sons lentamente um rosario.

O sino é a alma do templo, ao meu vêr, ao meu gôsto,
é vario o seu pesar, o seu prazer é vario,
pois, si elle geme triste, ás horas do Sol-pôsto,
canta, ás vezes, alegre, um canto extraordinario.

Quando o templo é festivo elle a saltar, bimbalha,
e vôa dos seus sons pelo espaço a phalange,
como de aves estranho e barulhento bando!

Mas, quando veste o Sol do poente a aurea mortalha,
o sino plange e oscilla, o sino oscilla e plange
— thuribulo de bronze o ar de sons impregnando.

Versos verdes

A Hermes Fontes

Esperança — palmeira imensa, erguida
no Sahara da Vida,
que o pallio protector da tua sombra espalmas
á caravana das almas.

Esperança — cigarra cancioneira,
que a tua vida inteira
passas, numa algazarra
bizarra,
do sol da juventude ás claridades louras,
cantando, até que estouras.

Esperança — floresta que eu transponho
na tontura do sonho,
floresta onde perdida, ás vezes, vaga
minha alma aziaga,
anciando que desponte
no horizonte,

para aclarar-te, ó minha brenha escura !
o astro radiante da ventura,
ha tanto tempo pôsto,
que me deixou na vida a noute do desgôsto.

Esperança

— vasto e verde pascigo onde eu folgava em creança,
onde, despreoccupada,
desde o roseo raiar da madrugada,
eu ia apascentar, das phantasias minhas,
as tenras ovelhinhas.

Esperança — arvore amiga,
em cujas frondes se abriga
das illusões a passarada;
arvore que a crescer, numa etherea escalada,
ergues supplicemente os torços braços
para os espaços,
num gesto ancioso, num gesto afflicto,
como que procurando alcançar o infinito.

Esperança! Esperança — ave que nos transportas,
em tuas azas, ás portas
da Chanaan da Phantasia;
essa tua magia
faz com que os moribundos
fiquem pensando noutros mundos,
na ancia illusoria de uma vida

O' Esperança! tu és como a Phenix lendaria,
a tua duração é indefinida, é varia,
vives a reviver das cinzas de ti mesma;
és da ventura humana o eviterno avantesma,
o avantesma enganoso,
a espiritual visão do inatingivel gôso.

Em derredor de ti encrespam-se, uma a uma,
as marêtas da magua, e dos sonhos a espuma
se levanta, se accende,
procurando attingir o Ideal que no alto esplende...
E tu, no emtanto, alheia
a esse inconstante mar que ora em furia estrondeia,
ora triste soluça e queixoso se espraia
do coração na praia,
ora ufano te mostra, ora busca tragar-te;
impassivel, dest'arte,
presa das almas nas ténues fibras,
como uma alga orgulhosa te equilibras
no caudaloso oceano
do aneio humano.

O' Esperança minha!
— ave de arribação, fugitiva andorinha,
com que carinho
o ninho
teceste no beiral da torre do meu sonho,
e fugiste, supponho,
ó progne erradia!
mal previste chegar da descrença a invernia.

Em tudo, em todo sêr a tua seiva impera,
desde a mais fragil flôr á mais temivel fera,
desde a lympha mais pura ao verme repellente,
tudo, tudo te sente.

Mal penetras a Terra,
estranha sensação no imo das cousas erra,
dos devaneios a horda
alvorçada accorda,
e toda a natureza em frémitos se agita,
ao sentir-te, Esperança, a caricia bemdita;
a alma das cousas jubilosa canta,
desabrocha da flôr o sorriso na planta,
e abre-se em cada bocca a rosea flôr do riso;
pões no inferno da vida uns tons de paraizo,
e fazes enflorar todo o sêr que te encerra,
ó Primavera da alma! ó Esperança da Terra!

Esperança

— luar pacificador, luar lento de bonança,
luar mystico, luar santo,
ó luar lavado pela enxurrada do pranto!
ó luar consolador cuja luz triste e calma
penetra a noute tempestuosa da alma!
Da minha scisma as brumas illumina,
Esperança, luz divina,
luz triste, luz agonisante

*

* *

Toda verde eu te sonho e no verde te vejo,
busco através do verde o delicioso ensejo
de poder partilhar da benção que tu lanças
aos sêres, pelo gesto amigavel das franças.

E' verde o manto que por sobre o solo arrastas,
verdes são essas tuas cômas bastas,
as tuas longas tranças,
que derramas á flôr das aguas mansas
e emmaranhas nas frondes
onde da humana vista a tua fôrma escondes.
E' verde o teu olhar, verdes teus olhos lampos,
e rastros teus supponho os campos,
e tudo reverdece ao teu divino assomo ;
brotas na podridão da existencia, assim como
brota a vegetação na immundicie dos charcos.
São verdes os teus marcos,
verdes as emoções por ti sentidas,
e são verdes as vidas
alentadas no teu exuberante seio.
E tudo quanto aneio,
e tudo quanto por ti penso,
é de um verdor intenso!

E' verde a tua luz, verde a tua alvorada,
no verde te achas concretizada.

*
* *

Esperança! tu que és a estrella que nos guia
na torva travessia
da estrada curva da existencia,
tem para mim clemencia!
Aclara-me, afinal, todo o espinhoso e escuro
caminho do Futuro...
As tuas luzes promissoras lança
no meu sêr, Esperança!

Espirituaes

I

Do meu amôr por ti como contar-te a historia,
si nem sei desde quando em meu cerebro o trago,
erguido assim como uma igreja merencorea,
da qual tu sempre foste o milagroso orago?

De ha tanto não te vêr, apenas, na memoria,
conservo do teu rosto um simulacro vago,
e, como desse amôr gôso supremo e gloria,
lembro de um teu sorriso o espiritual afago.

O meu amôr por ti é intangivel e puro,
desprovido de ardor, desprovido das ancias
dos prazeres carnaes, ephemeros e escassos.

Amôr em que o meu sêr totalmente depuro,
amôr que te dedico através das distancias,
como um sol a outro sol, através dos espaços.

II

O meu amôr por ti é uma arvore exilada,
verde, em pleno vigor da juvenil chimera,
que, na ampla vastidão de solitaria estrada,
uma outra arvore que, de longe, a aneia e espera.

Que importa da tristeza o inverno ponha em cada
folha sua uma ruga e a torne velha e austera?
para que ella resurja, alegre e remoçada,
a Esperança virá qual uma Primavera.

E ha-de este nosso amôr esperançoso e lindo,
os nossos corações, ó meu longinquo amante!
cada vez mais encher, frondejando... subindo...

Amôr mudo e soffrente, amôr calmo e tristonho
— arvore a receber de outra arvore distante
o alvo pollen da dôr para a anthese do Sonho.

III

Para que deste amôr nunca a memoria laves,
vivamos sempre assim, a distancia sujeitos,
tu — ignorando sempre os meus defeitos graves,
eu — ignorando sempre os teus leves defeitos.

Como duas eguaes e extraordinarias naves
irão — rumo do ideal — nossas almas de eleitos,
ambas vogando sobre os mesmos sonhos suaves,
ao desejo que as move e inflamma nossos peitos.

Cada vez entre nós mais a distancia augmento,
para que esse almo ideal, tantos annos sonhado,
não vejamos fugir num rapido momento,

e sintamos, então, immoveis, lado a lado,
essa nausea, esse tédio, esse aniquilamento
que vem sempre depois de um desejo saciado.

Fala

O' voz desse a quem amo, ó voz flebil, macia!
O' voz que, um dia,
como clarim festivo e prõmissor,
despertaste o meu sêr adormecido,
anunciando-me ao ouvido
o amanhecer triumphal do meu primeiro Amôr.

O' voz que os sonhos meus outr'ora alvoroçaste
e que hoje, num contraste,
soltas, tristonha e calma,
dentro da cathedral deserta da minha alma,
os teus solennes brados,
como um sino a dobrar, a dobrar a finados!...

O' voz de plumas e de pennas,
voz de remigios e trinados,
que dos seus labios nacarados
saes, como esperto o Sol apenas,
dos ninhos sae, de manhan cedo,
cantando, o passaredo!

O' voz! ó escada de degráos de sêda
por onde, á luz do seu olhar tristonho,
vae a minha alma, lêda,
subtilmente, galgando o varandim do Sonho!

O' voz de espiras odorosas,
voz que me ebrias e pões louca!
O' voz que saes daquella bocca
como o perfume das rosas!

O' voz colleante, que deslizas
e me perpassas pelo sêr,
na caricia macia e endermica das brisas,
num frio e fluidico prazer!

O' voz de humente murmurio,
voz marulhosa, voz hiemal,
que me entras a audição como um queixoso rio,
um limpido, um cantante e liquido crystal!

No teu rumor, ó voz divina!
suspiram flautas em surdina,
ha sons soturnos e cinzentos
de violoncellos em lamentos;
sons espasmodicos de gosos,
sons que se vão intercalando,
a quando e quando,
com sons violentos e nervosos
de violinos vibrando!....

Por não te ouvir os sons dorídos
a alma de sensações trago vazia,
mas guardo inda, na concha dos ouvidos,
repercutidos,
os gorgeios, as notas, os gemidos,
dos teus ultimos sons vagos, dispersos,
cuja dolente melodia
eu quizera conter no rythmo dos meus versos.

*
* *
* *

Fala!

— rêde de pennas onde a minha alma se embala!

Fala!

— jardim suspenso que trescala

e que pelo ar se despetala...

— Ave que as azas multiplas tatala...

— crystal que no ar se parte e estala...

Meu sêr ao céu se eleva, se ala,

pela chromatica escala

dessa fala!

Possa eu um dia inda escutal-a,

essa que o sêr todo me abala,

divina voz, divina fala!...

Olhos

*«Ante palpebras, que são niveos tabernaculos
sitos no rosto seu, vae, ó Musa, depôr
mil oblações, com fé, sem prevêr os obstaculos
a esses olhos, que são dous altares immaculos,
onde a Esperança accende um cirio ao nosso Amôr.»*

Olhos feitos da côr das noutes de procella,
quando fulge no céu do raio a chamma clara.
A' luz dos olhos teus minha magua se vela.
Olhos — nêsgas de céu nocturno que se estrélla,
— céos que dessa tua alma a irradiação enluara.

Do teu rosto na lage eburnea como o luar,
são teus olhos, Amôr, duas negras aranhas,
das orbitas por entre os concavos, a fiar
a teia luminosa e longa desse olhar,
teia com que a minha alma envolve e emmaranhas.

Teus olhos dão alento aos meus dias aziagos.
Com teu olhar astral as minhas maguas curas.
Quem me dera fitar sempre teus olhos magos!
— mananciaes de fulgor, dous alvissimos lagos,
— lagos onde a brincar vivem aves escuras.

Da sclerotica sobre o limpido brancor,
essas tuas lustraes, lutulentas pupillas,
julgo flôres de untoso e espelhante trevor,
estranhas, funeraes, desabrochados por
sobre hyalinos lençóes de lagôas tranquillias.

Teus olhos — treva e luz, teus olhos — dôr e riso :
ris — e o fulvo irradiar dos teus olhos fascina,
soffres — e em teu olhar logo a magua diviso.
Crê-me: eu rejeitaria o proprio paraíso
para dos olhos teus habitar a retina.

Crystaes partidos

64

O teu rosto glacial, ó pallida creatura!
é um claustro solitario e, essas palpebras, são
cellas onde a passear vivem monges de escura
veste, de tredo aspeito e, em continua tristura,
da saudade rezando a secreta oração.

Na minha solidão, no meu recolhimento,
os meus olhos, da noute através da penumbra,
buscam no céu dous céos... do luar no raio lento
encontrar brilho igual... (que louco pensamento!)
á luz dos olhos teus o proprio Sol se obumbra!

Teus olhos, meu Amôr, são bonançosos mares
onde navegam dous pequeninos bateis,
trazendo irradiações dos mundos estellares!
Olhos divinamente humanos, singulares,
que dos meus olhos são amigos bons e fieis.

*

* *

Que importa os olhos teus, durante a vida inteira,
não mais possa eu revêr! (inapagavel ha-de
ficar na alma do cego a visão derradeira.)
Não mais teus olhos vêr!... (que importa esta cegueira?)
veja-os na introversão constante da saudade.

Lago

A Nogueira da Silva

Alma branca da selva, alma de maguas cheia,
mal despontam no oriente os prenuncios solares,
eis que o lago desperta, e se espreguiça, e ondeia,
das nymphéas abrindo os florescentes luares.

E, fitando a amplidão que sobre elle se arqueia,
tem frémitos azues, sente ancias aquilares,
mas, qual Tantaló, soffre, em seus grilhões de areia,
a tortura de olhar sem attingir os ares.

A' noute, reflectindo os estellares lustres,
sonha que encerra o céo, que são flôres lacustres
os reflexos astraes, e freme, e aneia, e estua...

E na face pelluda e escura do Deserto,
scintilla o liquido olho, idiotamente aberto,
ante a nudez total e excitante da Lua.

Rio

Da petrea cathedral de esplendida cascata,
como de monjas longa e estranha procissão,
de aguas alvo cortejo, em curvas, se desata,
entoando religioso e frio cantochão.

E, ás vezes, esbordoando os rochas, pela matta,
ronca o rio raivoso em plena solidão,
e toda a fragil flôr ripúcula arrebatada,
sepultando o que nelle achara berço, então.

Ha no rio a tristeza, a colera e o prazer,
em seu constante curso elle nos manifesta
todas as vibrações vitaes do humano sêr.

E julgo-o, quando o vejo espreguiçado á sesta,
um satyro, com o corpo encurvado, a lamber
o ventre virginal e verde da floresta.

Ironia do Mar

Sôa um grito de dôr... e o detono de uma onda,
como uma salva, atrôa e repercute, pelos
longes do ar... De onde veio a voz o ouvido sonda
e, em vão, busca escutar do naufrago os appellos.

E o truculento Mar sinistramente estronda,
ruge, regouga, rola, espuma em rodopelos,
e, talvez porque agora almo thezouro esconda,
cada vez mais feroz se arrepia de zelos.

Para a preza retêr, muralhas de esmeralda
ergue, e, num riso atroz de realizado gôso,
veste-a de rendas mil, de flôres a engrinalda ;

move a cabeça informe, as longas cans balança,
e, alçando a larga mão, num gesto victorioso,
mostra cynicamente um cadaver de creança.

Bailado das ondas

Vêde-as: eil-as que vêm — eternas bailarinas,
para a festa nocturna e fádica do luar,
segue-as o côro alegre e alacre das ondinas,
vêde-as: eil-as que vêm, todas juntas, bailar.

Corpos nus, braços nus, que flavas serpentinas
cingem, abstractas mãos de brancura polar
surgem, despetalando orchideas argentinas,
sobre a pellucia azul do tápete do mar.

De quando em vez, na praia, uma a sorrir se apruma,
sobe num rodopio e alva cômá de espuma
desnastra, serpenteando o leve corpo no ar.

E a Lua, erguendo a fronte eburnea e scismadora,
deixa rolar no azul a cabelleira loura,
pela praia alongando o indifferente olhar.

Tristeza da saudade

Vens dos longínquos horizontes...
Já o extremo fulgor do Sol se apaga;
pelo tapête verde e velloso dos montes
a tua sombra se propaga...
Caminhas lenta, em movimentos lassos,
— visão violacea e vaga,
de violêtas juncando os desertos espaços...
e ora pelas estradas,
talvez essencia tua,
um perfume de petalas fanadas,
levemente, fluctua...

Essa que trazes,
longa, arrastando pelo poente,
tunica leve e transparente,
entretecida de lilazes,
tem a tristissima côr
das gangrenas que em minha alma fez a Dôr.

Dentro da etherea cathedral da Tarde,
á religiosa paz crepuscular,
emquanto Venus, como um cirio trémulo, arde,
ouço essa tua voz, lentamente, vibrar,
na soturna expressão de um sino collossal;
e, ó sombria visão que erras atôa no ar,
Saudade universal!
sinos e corações, tudo fica a dobrar,
num grande funeral.

O' sombra macerada e intangível dos poentes!
Saudade
que vens, qual uma irman de caridade,
velar á cabeceira dos descrentes
e pensar as profundas cicatrizes
das almas infelizes!

O' pallida coveira descarnada
que, num labor insano,
vives na eterna exhumação da ossada
dos extinctos ideaes do coração humano!

Crepuscular Saudade!
que estranha suggestão a alma da Terra invade,
quando, muda e scismatica, te pões,
na tua mediumnidade,
o espirito a invocar das mortas illusões!

Saudade espiritual que o espaço ensombras,
que a natureza toda sente,
que de arômas antigos, velhas sombras,
enches este deserto e emmudecido ambiente!

Saudade que te apuras,
quando as horas se vão tornando escuras,
e — anjo de azas pellucidas — repouzas,
voando da alma das cousas,
na alma das creaturas.

Então, Saudade minha,
a tua fôrma avulta, se accentua,
e, á luz da Lua,
para mim caminha.
Vens coberta de andrajos e de espinhos,
has transposto por certo asperrimos caminhos
e, exausta de fadiga,
nestas, da noute já, horas sombrias, mortas,
minha Saudade antiga,
entras-me da alma as portas.

Outr'ora, tremula velhinha,
tu me vinhas contar em toadas merencoreas,
contos da «Carochinha»,
longas, lindas historias;
e me falavas
em chimeras flavas,

numa terra encantada,
onde se fruía uma ventura rara,
uma ventura que ninguem inda gosara...
Terra situada além... muito além... muito além
da obscurecida estrada
de violetas do occaso,
Terra, supponho, do Supremo Bem.

Nesse tempo remoto,
abandonando-a num total descaso,
a alma deixava errar, posta á tua mercê,
e chorava em segredo, ó Saudade do Ignoto!
sem saber explicar a mim mesma porque.

Eu te sentia, então, minha Saudade linda,
porém, era feliz, porque sonhava ainda.

Como mudei e como tu mudaste!
— já se me vae encarquilhando a face
e tu, nesse teu todo esguio de haste,
tens o aspecto feral de um lirio que murchasse;
de tão alva, tão leve, tão etherea,
lembras-me a Lua lactescente e langue,
eu, bem vês como estou, o polvo da Miséria
chupou-me, pouco a pouco, a juventude e o sangue.

Minha Saudade antiga e pertinaz,
hoje te sinto ainda e já não sonho mais!

Si algumas vezes indecisa tento,
preparando os sentidos,
retrogradar a esse caminho poento
dos dias já vividos;
si a minha alma, vencida,
tenta buscar uma ventura fruida,
dentre o meu collectivo soffrimento,
por acaso, esquecida;
frustrado o meu intento,
lucta ingloria!
debalde me revolve o afflicto pensamento
o vasto cemiterio da memoria.

Saudade, te sentir pelo Passado
é trazer na alma um bem supremo perpetuado.
Infeliz quem, como eu, só no teu amargor
consequio avaliar da ventura o sabor.

Bem merecido o mal desse que te soffrer
por um appetecido e gosado prazer.
Infeliz quem, como eu, injustamente expia,
em perpetua enxovia,
o crime de um prazer tão sómente sonhado,
vivendo, dia a dia,
ao teu mando, ao teu lado,
— carcereira da Dôr — por teu olhar guardado.

Saudade, minha tremula avosinha,
já não me contas mais longas, lindas historias,
de fadas louras, de venturas illusorias,
quando, pela mudez tristissima desta hora,
vens na minha alma te asylar;
o nosso sêr aos poucos se definha,
minha
Saudade singular.
Não mais o pranto os olhos meus irrorra
por te sentir, por te soffrer,
só me falas agora
na suprema ventura do Não-Ser.

Minha Saudade congelada,
Saudade que eu não posso decifrar,
és uma dôr mumificada,
uma felicidade estatelada,
uma esphinge de luar!...
E assim quêda, calada,
pairas, etherea, vaga, indefinida
ó Saudade do Nada!
dentro da minha vida.

Nocturnos

A Alexandre Dias

*Noute — amiga, piedosa enfermeira do doente
do infortunio, velando o humano somno, do ar;
alonga pela Terra o teu olhar dormente,
dá que eu possa dormir para depois sonhar.*

*Todo o teu sêr aclara um jubilo fremente
quando, ó mãe negra, vens teus filhos alentar,
na espargose etheral do tumido crescente,
dando-nos a beber o teu leite de luar.*

*Na morna quietação do teu seio convexo,
no goso fraternal desse teu largo amplexo,
dormem, serenamente, o Céu, a Terra, o Mar...*

*Em ti se decompõe e se fórma a existencia,
ó primeira visão da embryonaria inconsciencia,
ultima imagem que hei de em meus olhos levar!*

I

Apraz-me sempre ouvir, ás horas vespertinas,
os preludios da Noute, os iriantes rumores
que, mal rolam da sombra as primeiras cortinas,
fazem soar pelo espaço os Arrebóes, as Côes.

Ha na violacea côr violinos em surdinas,
vibram no ouro clarins ruidosos e aggressores,
gemem flautas no verde, em notas tiples, finas,
rufam dentro do rubro invisiveis tambores.

Sôam na rosea côr accordes flebeis de harpas,
través o alaranjado ha guitarras chilrando,
e os sons rolando vão nas ethereas escarpas...

Ha uma breve fermata e, após, exul, tristonho,
soluça um orgam do alto, em som pauzado, brando,
dentro do azul do céu, como um sonoro sonho.

II

Na extrema exalação da lucida existencia,
o Sol, na alcova astral do poente, além, parece ;
queda-se a Natureza em muda reverencia,
o silencio recorda um extase, uma prece.

A Noute vem subindo, immensa magua vence-a,
para o enterro do Sol traz dos astros a messe.
A treva chove... ha como uma diliquescencia
de onixes, no ar, que, pouco a pouco, entenebrece.

A Noute, a negra etherea, a negra dolorosa,
projectando na terra o seu vulto de esphinge,
galga, afinal, do espaço a escada vaporosa.

E, ao sentir o rumor das nocturnas passadas,
de nuvens roxas todo o horizonte se tinge,
ha como que no azul saudades esfolhadas...

III

Anoutece. Ha por todo este immovel ambiente
a chorosa mudez, o silencio funereo
de um lar, de onde sahido haja, recentemente,
um féretro buscando a paz do cemitério.

Anoutece. De longe um sino, lentamente,
annuncia da morte o insondavel mysterio,
e a alma, todo o pungir que o espaço sente, sente...
casa-se nossa dôr ao soffrimento ethereo.

O dia é uma illusão, o occaso um campo-santo ;
as almas não são mais de que funereas lousas,
ó dias e illusões! tendes equal destino!

Um dia morto... uma illusão que morre... e, emquanto,
fóra, o sino interpreta a tristeza das cousas,
plange a tristeza em nós, como um soturno sino.

IV

Chuva de cinzas... Cae a tarde lá por fóra
na extatica mudez da Terra triste e viuva;
e da tarde ao cahir — sinto — a minha alma, agora,
embuça-se na scisma e no torpor se enluva.

Hora crepuscular, hora de nevoas, hora
em que de ignoto bem o humano sêr enviuva;
e, enquanto em cinza todo o espaço se colora,
o tédio, em nós, é como uma cinerea chuva.

Hora crepuscular — concepção e agonia,
hora em que tudo sente uma incerteza immensa,
sem saber se desponta ou se fenece o Dia;

hora em que a alma, a scismar na inconstancia da sorte,
fica dentro de nós, oscillando, suspensa,
entre o sêr e o não sêr, entre a existencia e a morte.

V

Mudo arauto annunciando a Noute que vem perto,
Vesper — o astro da Tarde, ao despontar na altura,
põe um marco de luz do espaço no deserto,
e arfa, e treme, e palpita, e faisca, e fulgura.

Surge uma estrella mais... e o lume, antes incerto,
do firmamento, ao vir da escuridão se apura;
fulge o ethereal palacio, em festa agora aberto,
dos luzeiros expondo a iriante illuminura.

Ha um frêmito no espaço: a Noute se arrepia...
passa o Vento agitando a aza nervosa e fria,
— ave errante buscando um ninho onde se acoute.

E as estrellas, lançando a luz tremula e clara,
— lareiras do infinito, ardem suspensas, para
aquecer e dar luz á camara da Noute.

VI

Lêsmas longas, por sobre a relva espreguiçadas,
lambendo a escuridão, alvas, êrmas, tranquillias,
pelos flancos da varzea, alongam-se as estradas,
das arvores transpondo as gigantescas filas.

Uma luz, semelhante á luz das alvoradas,
no silencio escorrega... as estrellas — ancillas
da Noute, por tal lume agora deslumbradas,
piscam, de quando em vez, occultando as pupillas.

Destaca-se no longe a montanha altaneira;
lenta, lactea, marmorea, enlanguescida e lampa,
surge a Lua — nocturna e velha carpideira.

E, de manso, pranteando a morte real dos Dias,
ella deixa escorrer do infinito na campa,
as lagrimas do luar, luminosas e frias.

VII

O alvo frouxel do luar se estende pelo matto...
Um perfume subtil, preguiçoso, fluctua,
e, mal no espaço o absorve, em vão perscruta o olfacto
si elle subiu da Terra ou si desceu da Lua.

Toma-me todo o corpo um languor insensato,
fecho os olhos e sinto a alma carícia tua...
— sonho! — é apenas a luz que me amacia o tacto,
e, qual um pollen, cae na minha cutis nua.

E' a luz lunar que, humente e untosa, como colla,
escorre pelo azul... Vencil-a embora queira,
já no cerebro meu, atôa, a idéa rola...

A Lua, algida flôr de celica esponjeira,
desabrocha na altura a pallida corolla
e desprende do luar a essencia dormideira.

VIII

E' noute. Paira no ar uma etherea magia;
nem uma aza transpõe o espaço êrmo e calado;
e, no tear da amplidão, a Lua, do alto, fia
véos luminosos para o universal noivado.

Supponho sêr a treva uma alcova sombria,
onde tudo repouza unido, acasalado.
A Lua tece, borda e para a Terra envia,
finos, fluidos filós, que a envolvem lado a lado.

Uma brisa subtil, humida, fria, lassa,
erra de quando em quando. E' uma noute de bôdas
esta noute... ha por tudo um sensual arrepio.

Sinto pellos no vento... é a Volupia que passa,
flexuosa, a se roçar por sobre as casas tôdas,
como uma gata errando em seu eterno cio.

Falando á Lua

Triste como a saudade, a dôr suprema,
raias, ó Lua, do horizonte á porta!
vens aureolada por luzente estemma,
como uma virgem morta.

Como és formosa, minha Lua, quando,
esparzindo no céu teus raios lentos,
as almas de tristezas vaes semeando,
para colher lamentos! . . .

Lua amiga, marmorea Lua-cheia,
— alma da Noute, mystica lanterna,
á minha dôr traz luz, de luz semeia
a minha noute eterna!

Rosa que em pleno azul desabrochaste,
rosa, rosa de luz, astro maguado,
perola immensa no ceruleo engaste,
tumulo do Passado.

Ninho das minhas prófugas chimeras,
diadema que da Noute a fronte cinges,
sultana que, pompeando, do alto imperas,
com mysterios de esphinges!

Cofre de amôr, ó inviolavel cofre!
anjo que a minha solidão povôas,
consoladora amiga de quem soffre,
irmã das almas bôas.

Lua — fogueira dos jardins celestes,
que lanças magas, malfazejas luzes,
e os nossos sonhos attrahindo, prestes,
a cinzas os reduzés.

Lua — reflexo da immortal e pura
alma da excelsa e celestial Maria,
fonte que entornas da estrellada altura
a tua luz sombria...

És a caçoula que no céo incensa,
de Deus o solio, teu incenso é feito
dos ais que acolhes, ais de magua immensa,
que saem de algum peito.

Da mysteriosa Noute és o mysterio,
das almas és o livro, a triste historia;
teu raio é para mim balsamo ethereo,
ó Lua merencorea!

Mas, dize: — porque sempre que te fito
— anjo ou demonio que no empyreo vagas —
fazes lembrar-me de um amôr maldito,
lá, das ceruleas plagas?

Porque razão os raios teus não agem
contra esta magua, esta saudade crua,
e desse que amo vens trazer-me a imagem
na claridade tua?

Oh! si possível, astro meu, te fosse
fazer esse ente dedicar-me affecto,
como o viver, então, ser-me-ia dôce,
de ventura repleto!...

Ao menos, Lua branca, Lua fria,
minora o mal que a alma me opprime e invade,
nos raios teus um seu suspiro envia,
leva-lhe esta saudade...

Nada ha que o teu silencio desencante,
astro onde os ais de um pobre amôr aninho,
e foges — nivea pomba soluçante,
a procura de ninho...

Ao som de um sino

Tange longe um sino, numa igreja em festa
(como o som do sino no meu sêr actua!)
um prazer ingenuo tudo manifesta,
julgo a natureza um templo acceso, em festa,
cujo ambiente incensa com o luar a Lua.

Tange longe um sino, tange alegremente,
mas tristeza espessa ora minha alma encobre,
é que bem no fundo do ineu sêr soffrente,
por ouvir o sino soar alegremente,
da saudade o sino solta o triste dobre.

Passam moças rindo, prazenteiras, bellas,
qual um bando alacre de anjos palradores ;
e eu recorde, então, que tive a idade dellas,
moças, rudes, sim, porém felizes, bellas,
e fui sempre velha pelos dissabores.

Anda assim minha alma divagando atôa,
na penumbra triste do meu lar sem brilho ;
um rumôr macio, preguiçoso, sôa :
é a canção que solta, vagamente, atôa,
minha irmã buscando adormecer meu filho.

Ah! meu pobre filho! que remorso immenso
minha mente punge, minha paz trucida,
sempre que te fito, sempre que em ti penso!
Como devo expiar este meu crime immenso
de te haver legado o grande mal da vida?

Por um méro gôso da materia immunda,
vieste ao mundo — fructo da volupia minha,
tua dôr será desse prazer oriunda,
e hei de ver-te posto na existencia immunda,
na existencia humana, de prazer mesquinha.

Hoje, no meu êrro toda concentrada,
com pezar eu vejo, com pezar eu sinto
(quando já podia não restar mais nada,)
que em teu fragil corpo se acha concentrada
a alma immorredoura desse gôso extincto.

Ri, repica o sino galhofeiramente,
na minha alma agora uma saudade plange,
e o rumor do sino, em minha pobre mente,
vae resuscitando, galhofeiramente,
das chimeras minhas a feral phalange.

Um perfume leve, mystico, tristonho,
vem tocar-me o olfacto, traspassando a porta,
sorvo-o com delicia, faz lembrar um sonho...
pois, noctivagando, mystico, tristonho,
a alma me parece de uma flôr já morta...

E relembro todo o meu fatal passado,
de saudade enorme sinto-me possuida,
por um gôso estranho, nunca, pois, gosado!
Que saudade enorme! — não do meu passado,
mas de uma outra vida, não por mim vivida.

.....

Tange longe um sino, tange alegremente,
mas tristeza espessa ora minha alma encobre,
é que bem no fundo do meu sêr soffrente,
por ouvir o sino soar alegremente,
da saudade o sino solta o triste dobre.

· Luar de inverno

Projecta-se da treva a amarellada chamma
da Lua que parece um cirio a se exgotar;
um luar de cêra se derrama...
cerôso torna-se todo o ar.

Da tristeza interior do meu sonho, contemplo
a noute aberta como um templo abandonado,
um carcomido templo.
Do céu na larga abobada ogival,
fulge, de lado a lado,
o lume das estranhas
pupillas de polychromas aranhas,
que abrem por toda a altura os olhos de crystal.

Fina
neblina,
pelos espaços,
em fios frios, em fluidos traços,
passa,
perpassa,
o ar embaraça,
a luz da Lua tornando baça.

Todo o ambiente arrefece,
faz tanto frio, que o corpo sente
um tremor persistente...
De quando em quando,
do céu sombrio,
uma aranha escorregando, lentamente,
por um fio
luzidio,
desce...
— atravessa o infinito uma estrella cadente.

.....

Embevecida e quêda,
fico-me, horas inteiras, a fitar,
da neblina através da delgada urdidura,
a Lua, que se me afigura
um capulho de sêda
a se desfiar
num tear...

E a teia augmenta,
na transparencia de uma gaze
frouxa, fluctuante, alvacenta...
Torna-se a luz astral imperceptível quasi.
Calmamente, a subir, a Lua o zenith ganha,
e tanto de neblina o ether se adensa
e a vaporosa teia se emmaranha,
que, a Lua, assim suspensa,
supponho o ovulo sêr de uma celeste aranha.

Ao fulgor magnetisante
do olhar velado e incerto das estrellas,
meu pensamento, num instante,
ascende, vagueia pelas
alturas, vôa,
erra como uma borboleta, atôa,
e, estonteado pela flamma
do olhar que o chama,
do olhar que o attrahe e que o fascina,
sobe inda mais, e, sorprezo,
vê-se, afinal, gelado, prezo,
no amplo, sêdoso e ethereo aranhol da neblina.

Intimos

A Candida Muniz Barreto da Costa

Minhá avosinha, minha avosinha,
hoje quão longe de mim te estás!
Que linda Magua se me avosinha
e me recorda os primaveraes
dias vividos na infancia minha,
dias que nunca voltarão mais.

E, dessa estancia do meu Passado,
só tu perduras por sobre as ruinas,
e erguendo o vulto sereno e amado
toda a povôas, toda a illuminas.
Ah! como é doce ao meu sêr maguado
essa lembrança que lhe propinas!

E' que, na phase da minha infancia,
me foste sempre qual protector
anjo que, sobre o meu mal, minha ancia,
azas abria de nivea côr;
e inda hoje, ausente, posta á distancia,
lanças-me o pallio do teu amôr.

Mesmo da infancia pelos caminhos
tive os aculeos dos dissabores,
transpuz miserias, transpuz maninhos
desertos negros e aterradores,
que tu, cuidosa, com teus carinhos,
alcatifavas de olentes flôres.

Sempre do gôso para a anciedade
aos labios tive da dôr o fel,
pois, desde a minha mais tenra idade,
foi-me o destino triste e revel;
e só na tua dôce bondade
achei na vida um pouco de mel.

Os meus momentos mais enfadonhos
por ti me foram sempre alegrados;
os désenganos trêdos, medonhos,
de mim buscavas têr afastados,
acalentando meus pobres sonhos
na rêde de ouro dos teus cuidados.

E, recordando aquellas antigas
noutes, passadas no nosso lar,
em que, vencida pelas fadigas,
ia ao teu collo me aconchegar,
escuto aquellas velhas cantigas
que tu cantavas a me embalar.

Crystaes partidos

98

Hoje, que o sêr trago envelhecido
pela tortura, pelo cansaço,
e em vão abrigo busco ao vencido
corpo, que sinto morrente e lasso,
punge-me a dôr de não ter morrido
no fôfo leito do teu regaço.

Lunar

Velhinha bôa, lá vem a Lua
subindo, como que a cambalear;
a Noute dorme gelada e nua
e, para o somno lhe suavisar,
sobre o seu corpo desdobra a Lua
largos e longos lençóes de luar.

Olhos luzentes, olhos dos campos,
de luz incerta, luz polycor,
além, dos longes do espaço, escampos,
brilham lampyreos pelo trevor,
lucidos olhos, olhos dos campos,
de olhar curioso, investigador.

Andam perfumes somnambulando,
emquanto as cousas dormindo estão;
o vento passa, de quando em quando,
e tudo ao vento estremece, então;
e, divagando, somnambulando,
andam perfumes pela amplidão.

Num largo lago que além se espalma
fulgura todo o lume estellar,
e a Lua ao vel-o, risonha, calma
e embevecida, põe-se a mirar
a sua sombra sobre a agua espalma,
na agua fluctuando qual nenuphar.

Passa do vento a secreta ronda,
dizendo ás cousas: «E' já manhan!»
emquanto a Lua sobe, redonda,
lembrando um seio, (que idéa van!)
e, ao chamamento da estranha ronda,
já tudo pensa no diurno afan.

No entanto é noute; mas, é tão branca
a luz que a Lua lançando vem,
que as cousas todas do somno arranca,
as almas enche de um novo bem.
Por uma noute de luar, tão branca,
póde ter somno siquer alguém?!

Faz-se na terra uma nova orgia
onde quer tudo se embebedar...
A Lua, as cousas, de cima, espia,
e, amphora de ambar, suspensa no ar,
para a nocturna, terrestre orgia,
entorna o oleoso licôr do luar.

Em requebrados, em bamboleios,
com gestos lentos, languês, sensuaes,
mostram as frondes os verdes seios;
rolam as flôres dos laranjaes...
e, ebrias, as palmas, em bamboleios,
dansam as dansas das bacchanaes.

Ha sons de beijos pelos espaços,
lentos lamentos, ais de prazer...
tornam-se os olhos dos astros baços,
de quando em quando, para não vêr
laços de braços, que, nos espaços,
se abraçam todos, num só querer...

Ha paina solta nas fronderias,
paina no espaço, paina no chão;
as nuvens, no alto, de tão macias,
flocos de paina julgo que são...
e a Lua, vista entre as fronderias,
parece um fructo sêr de algodão.

Mantilhas brancas, chales de bruma,
rolam da Noute nos hombros nus;
o céo agora todo se esfuma
de nevoas que erram do espaço á flux...
e a Lua, vista através da bruma,
é um incensorio lançando luz.

Ha espasmos brancos pelas alturas,
espasma a Terra, o Infinito, o Mar...
e, já do sonho presa ás tonturas,
sinto-me como que desmaiar.
Escorregando, pelas alturas,
a propria Lua desmaia no ar.

Canção de uma doente .

Ao pôr do sol de uma Chimera,
de uma Chimera ao sol se pôr,
da vida em plena primavera,
perece o meu primeiro Amôr.
Que rôxo occaso o da Chimera!
Morrente Amôr... sol a se pôr...

Era tão manso, era um cordeiro
este meu casto Amôr de creança,
sempre a pastar o dia inteiro
nos vastos campos da Esperança,
e eu a pascer este cordeiro,
desde o aureo tempo em que era creança.

Dos sonhos meus o alado bando,
um cantochão baixinho a entoar,
vae meu Amôr amortalhando
em vestes alvas como o luar.
Quão triste canta este aureo bando!
parece um hymno á Dôr entoar.

Sempre ao surgir da tarde flava,
do meu Amôr o cordeirinho,
ancioso e trêfego, buscava
o aprisco azul do teu carinho;
mas nunca, ao vir da tarde flava,
abrigo teve o cordeirinho.

Role o oleo santo desse olhar,
chôva a agua benta do meu pranto,
para do meu amôr untar
o agonizante corpo e, enquanto
o oleo escorrer do teu olhar,
chôva a agua benta do meu pranto.

O' dos meus annos Primavera,
das illusões traze-me a messe,
para depôr na campa austera
do meu Amôr que ora fenece!
Traze-me, ó linda Primavera,
das illusões a florea messe!

E tu, meu pobre coração,
que deste Amôr fanado e pulchro
o berço foste, agora, não
és mais que um gélido sepulchro;
encerra pois, meu coração,
todo este Amôr fanado e pulchro.

Eis, pois, extinto o antigo culto
que era o meu mal secreto e lento;
ai! quem me dera o vêr sepulto
por sob o pó do esquecimento!
Porque não finda, com meu culto,
o meu tristor secreto e lento?

E' que este Amôr desventurado
deixa-me ainda, ao meu pezar,
como seu ultimo legado,
a eterna dôr de o recordar.
Morre um Amôr desventurado,
mas nunca mais morre o pezar.

E, qual coruja, empoleirada
sobre o cypreste de minha alma,
soltando cynica risada,
as azas tetricas espalma,
a Dôr — coruja empoleirada
sobre o cypreste de minha alma.

Das illusões de outr'ora as flôres
(oh! que painel desolador!),
já vão perdendo as vivas côres,
e, sobre a campa deste Amôr,
vão se esfolhando, pobres flôres!
(Oh! que painel desolador!)

Crystaes partidos

106

Da minha lucida Chimera
não mais terei a interna aurora,
e, no meu sêr, a noute impera,
embora a luz fulja lá fóra.
Ai! lindo sol, linda Chimera,
que nunca mais terás aurora!

O bando alacre dos meus sonhos
vae ascendendo, aos poucos, no ar,
soltando cantos tão tristonhos...
— talvez por nunca mais voltar.
Já da aza crêspa dos meus sonhos
ouço os remigios soarem no ar.

Tudo acabou, sómente, agora,
— triste velhinha carpideira —
uma saudade, afflicta, chora
a morte da paixão primeira.
Do meu Amôr que resta agora?
— esta velhinha carpideira.

Temporal

A Miguel Monteiro

No aconchego nupcial dos ninhos silenciados,
sentem de um pezadello a tetrica tontura,
as aves, despertando aos repetidos chiados
do matto, a se estorcer, dentro da noute escura.

Tudo acorda. Ha no horror dos céos congestionados
a tragica expressão de uma etherea loucura;
sôam, dentro da selva, uivos, lamentos, brados,
e o vento os ossos quebra ás arvores, tortura.

Do fuzil fura o espaço a fulgida fagulha,
a fronderia, ao vento, estoura como uma onda,
e logo após se acalma, e logo após marulha.

Num frio estillicidio a chuva tomba, agora;
rapido, o raio risca a treva, e estala, e estronda,
e o matto chia... e o vento geme... e a chuva chora...

Noute selvagem

Entro na selva. A noute é espessa. De centenas de pyrilampos toda a matta se illumina; astros movem no espaço as rutilas antenas, como insectos de luz, numa etherea campina.

Ergo ao céo, desço á terra a assombrada retina, e ante as luzes astraes e ante as luzes terrenas, a terra e o céo, o céo e a terra, julgo apenas, um só céo que se estende, alonga e não termina.

Em cima ha tanta luz que o olhar erguido pasma!
Cada estrella parece um luminoso miasma
a medrar, a fulgir da treva na espessura.

E a noute de tão negra, e tão ampla, e tão densa,
é um pantano infinito, uma lagôa immensa,
a decompôr-se em luz, a effervescer na altura.

Insomne

Noute feia. Estou só. Do meu leito no abrigo
cae a luz amarella e doentia do luar;
tediosa os olhos fecho, a vêr, si, assim, consigo,
por momentos siquer, o somno conciliar.

Da janella transpondo o entreaberto postigo
entra um perfume humano impellido pelo ar...
«E's tu, meu casto Amôr? és tu, meu doce amigo,
que a minha solidão vens agora povoar?»

A insomnia me allucina; ando num passo incerto:
«E's tu que vens... és tu! reconheço este odôr...»
corro á porta, escancaro-a: acho a Treva e o Deserto.

E este arôma que é teu, aspirando, supponho
que a essencia da tua alma, ó meu divino Amôr!
para mim se exhalou no transporte de um sonho.

Quadras simples

O' Lua, velha fiandeira
que andas mollemente a fiar,
ás vezes a noute inteira,
o linho branco do luar!

Porque eu tanto assim te queira,
por tanto, Lua, te amar,
dá-me, na hora derradeira,
uma mortalha de luar.

*

* *

Certo, nas noutes de Lua,
tua alma errante de poeta,
em pleno espaço fluctua
numa escalada secreta.

E, ao pallio que a Lua espalma,
buscando a tua encontrar,
dentro da noute, a minha alma
se eleva, tacteando no ar.

Ha-de, com toda a certeza,
casar-se a minha alma á tua,
nessa capellinha accesa,
na alva capella da Lua.

E, como um monge velhinho,
rezando tremulo, o luar,
ha-de, com todo o carinho,
o nosso enlace abençoar.

Assim, pelas noutes calmas,
num leve e mystico abraço,
poderão as nossas almas
unir-se, ao menos, no espaço.

Ser mulher . . .

Ser mulher, vir á luz trazendo a alma talhada
para os gosos da vida: a liberdade e o amôr ;
tentar da gloria a etherea e altivola escalada,
na eterna aspiração de um sonho superior . . .

Ser mulher, desejar outra alma pura e alada
para poder, com ella, o infinito transpor ;
sentir a vida triste, insipida, isolada,
buscar um companheiro e encontrar um senhor . . .

Ser mulher, calcular todo o infinito curto
para a larga expansão do desejado surto,
no ascenso espiritual aos perfeitos ideaes. . .

Ser mulher, e, oh! atroz, tantalica tristeza!
ficar na vida qual uma aguia inerte, preza
nos pezados grilhões dos preceitos sociaes !

Invocação ao Somno

Somno! da tua taça bronzea e fria
dá que eu possa sentir o ether, a anæsthesia...
Eis-me: corpo e alma — inteira,
para essa tua orgia.
Busco esquecer a minha hypocondria
na tua bebedeira.
Quero sentir o teu deliquio brando
apoderar-se do meu sêr,
e cochilando,
bamboleando,
ir, lentamente, escorregando,
pelo infinito do prazer.

Vem, meu languido amante,
deixa-me, no teu suave e remançoso seio,
no teu seio gigante,
sem ancias, sem pezar, sem dôres, sem receio,
repouzar um instante.

.....

Vem! já de mim se apossa um sensual arrepio,
todo meu sêr se fica em total abandono...

Dá-me o teu beijo frio,

Somno!

Deixa-me espreguiçar o corpo esguio,
sobre o teu corpo que é, como um frouxel, macio.

.....

Eis-me languida e nua,
para a volupia tua.

.....

Faze a tua caricia,
como um oleo, passar pela minha epiderme;
essa tua caricia, humectante e emolliente,
que no corpo me põe colleios de serpente
e indolencias de verme.

.....

A vida
é uma descida;
mas tu, Somno, me dás a ineffavel delicia
de ensaiar a escalada
para a Morte — a ascensão á gloria ambicionada;
mas tu, Somno, és a calma, és a mudez propicia
á suave antevisão da ampla Chanaan do Nada.

Quem, como eu, da existencia, apenas, sente
a dôr atróz, a realidade bruta,
e traz numa agonia persistente
a alma e, em vão, onde mora a ventura perscruta,

só na tua embriaguez acha confôrto.
Lança-me agora e sempre essa tua blandicia,
deixa-me descansar o corpo semi-morto
e a alma desilludida, ..
Faze com que, da tua paz ficticia,
á paz eterna me transporte,
Somno — morte da vida!
Somno — vida da Morte!

Segunda parte

Estados de Alma

Ao meu amigo

Alpheu de Brito

e

a minha tia Dinorah Barretto,

pela saudade que me deixaram.

*Possa eu, da phrase nos agrestes sons,
em versos minuciosos ou succintos,
expressar-me, dizer dos meus instinctos,
sejam elles, embora, máos ou bons.*

*Quero me vêr no verso, intimamente,
em sensações de gôso ou de pezar,
pois, esconder aquilo que se sente,
é o proprio sentimento condemnar.*

*Que do meu sonho o branco véo se esgarce
e mostre núa, totalmente núa,
na plena graça da simpleza sua,
minha Emoção, sem peias, sem disfarce.*

*Quero a arte livre em sua contextura,
que na arte, embora peccadora, a Idéa,
deve julgada ser como Phrinéa:
— na pureza triumphal da formosura.*

*Gelar minha alma de paixões accêsa
porque? si desta forma ao Mundo vim;
si adoro filialmente a Natureza
E a Natureza é que me fez assim.*

*Meu ser interno, tumultuoso, vario,
— máo grado o parvo olhar profanador —
no livro exponho como num mostruario:
sempre a verdade é digna de louvor.*

*Fiquem no verso, pois, eternamente,
as minhas sensações gravadas, vivas,
nas longas crises, nas alternativas
desta minha alma doente.*

*Relatando o pezar, relatando o prazer,
través a agitação, través a calma,
a estrophe deve tão sómente ser
o diagnostico da alma.*

Aspiração

A Pereira da Silva

Eu quizera viver
tal qual os passarinhos:
cantando á beira dos caminhos,
cantando ao Sol, cantando aos luares,
cantando de pezar, cantando de prazer,
sem que ninguem ouvidos desse aos meus cantares.

Eu quizera viver em plenos ares,
numa suspensa, etherea trajectoria,
numa existencia quasi incorporea ;
viver sem rumo, procurar guarida
á noute, para, em somno, o corpo descansar,
viver em vôos, de corrida,
roçar, apenas, pela Vida.

Eu quizera viver sem leis e sem senhor,
tão sómente sujeita ás leis da Natureza,
tão sómente sujeita aos caprichos do Amôr.
Eu quizera viver na selva accêsa

pelo fulgôr solar,
o convívio feliz das mais aves gosando,
viver em bando,
a voar... a voar...

Eu quizera viver cantando como as aves,
em vez de fazer versos,
sém poderem, assim, os humanos perversos
interpretar
perfidamente o meu cantar.

E eu cantaria, então, a liberdade do ar,
e cantaria o som, a côr, o arôma,
a luz que morre, a luz que assoma,
cantaria, de maneira incompreendida,
toda a belleza indefinida
que a Natureza expõe e a gosar me convida.

E eu pudera expressar,
em sons lêdos ou graves,
esses prazeres suaves
do tacto;
e eu — então canora artista —
expandiria as emoções da minha vista,
e todo o goso, lubrico e insensato,
do odôr, que embriaga o olfacto;
e eu poderia externar,
em sons alegres ou doridos,

todas as impressões dos meus ouvidos,
toda a delicia do meu paladar.

Eu quizera viver dentro da natureza;
suffoca-me a estreiteza
desta vida social a que me sinto preza.
Deante
de uma paisagem verdejante,
deante do céu, deante do mar,
esta minha tristeza,
por momentos, se finda,
e desejo viver, soffrer a vida ainda,
e fico a meditar:
como os homens são máos e como a Terra é linda!

Certo, não fôra assim tão triste a vida,
si, das aves seguindo o exemplo encantador,
a humanidade, livremente unida,
gosasse a natureza, a liberdade e o amôr.

Eu quizera viver
sem a forma possuir do humano ser;
viver, como os passarinhos,
uma existencia toda de carinhos,
de delicias sem par...
Morte, que és hoje todo meu prazer,
fôras, então, meu unico pezar!

Eu quizera viver a voar, a voar
até sentir as azas mollentadas,
voar ao cahir do Sol e ao vir das Alvoradas
voar mais, ainda mais,
pairar bem longe das creaturas,
nas serenissimas alturas
celestiaes . . .
Voar mais, ainda mais
(o vôo me seduz!),
voar, até, finalmente,
num dia muito azul e muito ardente,
— alma — pairar do espaço a flux,
— materia — despenhar-me, de repente,
sobre a terra absorvente,
morta, morta de luz!

Cabellos negros

A Rodolfo Machado

Si, do torço retroz de tua côma escura,
meu beijo, como um passarinho
gorgeando, célere, procura
o môrno e fôfo ninho,
que cheiro verde meu olfacto sente!
— cheiro de resedá que em flôres regorgita...
e meu olhar mergulha, e meu rosto se esconde
em tua cabelleira redolente...
tenho a impressão de que és uma arvore exquisita,
sonho que em teu cabelo ha verduras de fronde.

A tua cabelleira bi-partida
em curvas curtas, suaves,
tem a mesma ancia indefinida,
ancia de vôo, de amplidão, das aves;
mesmo ao craneo retida,
ella, ás vezes, se anima,
e, na realisação de algum sonho remoto,
fica, de azas espalmas, ar acima,
tentando uma subida
para o ether, para luz, para o azul, para o ignoto.

Quando te acaricio,
e meu desejo teu desejo ateia,
teu cabelo arômal, noveloso e macio,
pelo meu rosto subtilmente passa...
tua cabeça, então, que em meus braços se enlaça,
tua cabeça, de essencias cheia,
é uma caçoula que perfumes incendeia...
o teu cabelo queima... é vapor... é fumaça...

Quando, pela fadiga mollentada,
sobré o leito me estiro, em completo descuido
(talvez loucura minha, uma obsessão talvez),
passo a sentir o teu cabelo em tudo:
na paina da almofada,
nas mãos, nos labios, no proprio ar que é fluido,
sobre a minha nudez,
cobrindo-a, qual um manto de velludo,
da tua ausencia na viuvez.
Então, meu corpo ganha
uma volupia estranha,
e teu cabelo, como por encanto,
avulta, cresce tanto,
que largo, longo, perfumado e quente,
da fórmula as curvas me acompanha,
ondulando, lentamente...
E, sem sentil-os, sem ao menos vêl-os,
subjectivamente,
durmo enrolada em teus cabellos.

Pelos

silencios amplos e sombrios
tua cõma me vem
em longos, arõmaes, sonoros fios,
na renda frouxa, tremulante, fina,
de uma surdina . . .
O teu cabelo musical contém
todos os sons vellosos e soturnos
dos languidos «nocturnos»
de Chopin. Ah! pudesse em meus versos contel-os,
—esses mágicos sons, de ethereas melodias,
que desprendem as cordas luzidias
dos teus cabellos.

A tua cabelleira é uma negra urdidura
onde reteve o adejo,
e tomada ficou por lubrica tontura,
a maripõsa do meu desejo.
Fujo de vel-a, mas em tudo a vejo,
ella me segue e me circumda,
ella, dentro do dia, é uma noute profunda
onde minha alma scisma e em mil sonhos se enleva,
e, quando a Terra vae mergulhando na treva,
eu cuido mergulhar em tua cabelleira.

De onde vem esse odôr com que ella me quebranta,
esse odôr vegetal,
de essencia dormideira,

odôr que delicia e que faz mal,
narcotizante odôr de malefica planta?

.....

E, meditando, assim, no silencio, com calma,
tiro uma conclusão da origem desse arôma:
é a essencia venenosa da tua alma
que anda a se evaporar por tua negra côma.

Manhan de bonança

A Laura da Fonseca e Silva

I

A luz os mares e florestas doura;
abro, á luz, as janellas, par em par,
e, qual si acaso outro Pactolo fôra,
o dia de ouro inunda nosso lar.

Como eu sou rica! a luz me é portadora
de um thezouro trazido em ondas de ar...
Nesta manhan completamente loura,
tenho a alma de alegria a chocalhar!

Sinto-me leve como um seraphim,
e, nesta fragilissima leveza,
acho a casa pequena para mim...

e saio, e a alma me invade um tal fervôr,
que eu quizera estreitar a Natureza
num fôrte abraço de entusiasmo e amôr.

II

Quanta riqueza! — Sob os céos escamos,
rola um rio, rutila a prata fuente,
e, atapetando de pellucia o ambiente,
ha pubescencias virides de campos.

Sem caras fitas, sem custosos grampos,
ao vento que a balança mollemente,
enfeito a minha cabelleira ardente
de flôres raras e de insectos lampos.

Manhan de pompa, de alegria intensa!
parece até que Deus se fluidifica
em luz, e entra-me o ser, e enche-o de crença.

Perfumes... côres... sons... e a alma, surpresa,
sem carinho, sem pão, sente-se rica,
no gôso emocional da Natureza!

Helios e Heros

Filhos meus — duas forças bem pequenas
que amo, e das quaes sustar quizera o adejo;
pequenas sempre fôra meu desejo
tel-as, aconchegadas e serenas.

Filhos meus — delles vem, delles, apenas,
a humilhação servil em que me vejo;
mas, si o penar a um filho é bemfazejo,
para uma alma de mãe que valem penas?

Eu, que feliz, toda entusiasmo, d'antes,
via os seres tornarem-se possantes,
vejo-os crescerem com pezar, com zêlos.

Vejo-os crescerem, ensaiarem threnos,
e, no emtanto, quizera-os tão pequenos
que pudesse nas mãos sempre trazel-os.

Tedio

A José Oiticica

Principia o verão. Toda a matta tresua.
Quedam-se as aves, a agua, as frondes. Calmaria...
Não tem raios, parece uma febrênta lua
o Sol. Brumoso véo o infinito ennuvia.

Creio que grande mal na Natureza actua :
um pleno desalento, um sopôr de agonia.
Muda e immovel, assim, tem a Terra, na sua
attitude, a expressão de quem a Morte espia.

Nem risos de prazer nem ais de angustia: nada.
— Dia para o sabôr do Tedio, tão sómente.
A atmospherã recorda agua morna e estagnada.

A minha alma, vencida, em meio a tantas maguas,
paira na vastidão tristissima do ambiente,
como uma enorme não encalhada nas fraguas.

Ante uma paisagem

A Levino Fanzeres

Quando não tarda o Sol a despontar,
pelas de inverno lividas manhans,
a Natureza, ao meu olhar,
parece toda agasalhada em lans.

Manhans serenas e crystalinas
essas, que ficam, horas inteiras,
no afan continuo das rendeiras,
tecendo a renda fluida das neblinas.

Manhans de tédio e de preguiça,
em que até mesmo o Sol custa a acordar,
e o corpo pede leito, e o deseja, e o cobiça;
manhans que não são mais do que noutes de luar.

Manhans de paina, em que a alma se reclina
como sobre um frouxel nivoso e largo,
e em que ha no céo e na campina
o mesmo pronunciado e invencível lethargo.

Andam anjos, por certo, azas, do alto, ruflando,
pelas manhans de brumas,
porque tombam do céo, de quando em quando,
crêspas, ethereas plumas.

O inverno a Natureza revirgina,
e quando surge o Sol, no inicio do verão,
a Terra tem pudores de menina,
palpitante de amôr á solar sensação.

Faz-se na natureza um lyrico noivado;
flôres de laranjeira e niveos véos nupciaes,
traja a Terra, a esperar que o noivo amado
venha, afinal, lhe dar o beijo de esponsaes.

*

* *

O verão principia,
porém, nas cousas, inda o inverno actua;
é dia,
mas no céo que livôr, que sombria
expressão, que macios tons de Lua!

Esta linda manhan, tão velludosa quão
fria, a desabrochar o alvo seio, de leve,
tem o mesmo abandono, a mesma lentidão
de uma camelia a abrir das petalas a neve.

Toda a paisagem é muito languida e fria,
ha neve no arvoredos; ha neve sobre a alfombra,
com azas brancas, a Melancholia
a Natureza ensombra.

Da estrada sobre o longo e amplo espreguçamento,
á feila fluida da garôa,
o phantasma do Tédio, amarello, nevoento,
anda vagando, atôa...
plena desolação, pleno anniquilamento,
Tédio, sómente o Tédio a êrma estrada povôa.

O meu olhar nesta paisagem sente
qualquer cousa de unccção, qualquer cousa emolliente...

O céo parece todo de pennas.
Azas de névoa passam, lentamente...

Nas arvores, que estão impassiveis, serenas,
— braços abertos para a amplitude,
— olhos postos na altura,
ha uma esperança frouxa, indecisa, indolente,
de quem, por padecer ha muito doente,
inda duvidas põe na proxima ventura.
E, dentro da manhan dubiamente tristonha,
das arvores a attitude
é a mesma extatica attitude de quem sonha.

E' dia, mas a luz não tem calôr nem raios;
onde a alegria da Natureza?

a paisagem é toda de desmaios
de côres e de névoas de incerteza.

E' dia,
mas a estrada está vazia
e nem uma ave o espaço corta;
o verão principia
e a Terra está como que morta.

E' dia, mas o céu é bruma, lado a lado,
e, persistindo num amoroso disfarce,
o Sol, nas nevoas embuçado,
continúa a occultar-se.

Pelas arvores que ancia!
Como as frondes olham tristes a distancia!

Toda de branco para o noivado,
a paisagem inda espera:
tarda a festa nupcial da primavera
e tarda o Sol — o noivo desejado.

Num derradeiro arranco
de paixão virgem, luminosa, immensa,
a alma da Natureza está suspensa
num sonho branco... branco... branco...

Vibrações do Sol

Dias em que fremindo os meus nervos estão,
em que estranho meu ser passivo e scismarento;
dias em que meu corpo é uma palpação
de azas, da natureza ante o deslumbramento!

Num dia, assim, como este, os meus tédios se vão,
e ao céu de escampo azul, e ao Sol, de ardôr violento,
eu só quero sentir a forte vibração
da vida, num prazer ou mesmo num tormento.

Saem dos labios meus as expressões em trovas;
quero viver, gosar emoções muito novas,
amo quanto me cerca, amo o bem, amo o mal...

E, numa agitação de anceios incontidos,
nestes dias de Sol, os meus cinco sentidos,
são aves ensaiando o vôo para o Ideal.

Volupia

Tenho-te, do meu sangue alongada nos veios;
á tua sensação me alheio a todo o ambiente;
os meus versos estão completamente cheios
do teu veneno forte, invencível e fluente.

Por te trazer em mim, adquiri-os, tomei-os,
o teu modo subtil, o teu gesto indolente.
Por te trazer em mim moldei-me aos teus colleios,
minha intima, nervosa e rubida serpente.

Teu veneno lethal torna-me os olhos baços,
e a alma pura que trago e que te repudia,
inutilmente aneia esquivar-me aos teus laços.

Teu veneno lethal torna-me o corpo langue,
numa circulação longa, lenta, macia,
a subir e a descer, no curso do meu sangue.

Symbolos

Eu e tu, ante a noute e o amplo desdobramento
do mar fero, a estourar de encontro á rocha nua.
Um symbolo descubro aqui, neste momento;
esta rocha e este mar... a minha vida e a tua...

O mar vem... o mar vae... nelle ha o gesto violento
de quem maltrata e, após, se arrepende e recúa...:
Como eu comprehendo bem da rocha o sentimento!
são muito eguaes, por certo, a minha magua e a sua!

Symbolisa este quadro a nossa propria vida:
tu és esse dubio mar que na sua inclemencia
tem carinhos de amôr e furias de demencia;

eu sou a magua estanque, a dôr empedernida,
eu sou aquella rocha encravada na areia
á inconstancia do mar fria, serena, alheia...

Impressões do som

A Laura Austregesilo

Falas... e, por te ouvir, me fico muda e quêda;
a minha alma, porém, começa a atravessar
uma larga, uma longa e sombria alamêda
de laranjaes em flôr se espetalando ao luar.

Falas... pelo silencio ha capulhos de sêda...
toma-me a sensação de um languor singular...
Falas... e tua fala, ora triste, ora lêda,
tem a ascensão subtil do arôma a espiralar.

Falas... ao te escutar, sinto, neste momento,
que tua voz é um branco, é um perfumoso unguento
para a chaga febril do meu grande pezar...

Falas... e, ora, sentindo a tua suave fala,
cuido que um anjo louro, a sorrir, despetala
flôres, sobre meu Sonho afflicto, a agonisar.

*
* * *

Voz de surdinas, voz suggestiva, que assume
a solenne expressão de uma prece longeva.
Voz que, pela mudez desta noute sem lume,
tem gestos monacaes; voz que abençôa a Treva.

Voz de surdinas, voz que na calma se eleva,
cariciante, subtil; voz que o senso presume
a manifestação exterior de uma leva
de flôres, a harmonia etherea do perfume.

Recorda-me esta voz, de tão meiga, tão mansa,
a canção maternal que me embalava em creança,
e me sinto infantil, ora, quêda, a escutal-a.

Esta voz mais parece uma voz subjectiva,
esta voz tão sómente o Silencio a deriva,
esta voz, com certeza, é do Silencio a fala.

*
* *
*

A' languorosa luz que cae da Lua-cheia,
como que a despertar, se vae espreguiçando
na pellucia da noute, um rumôr lento e brando,
que se torce, se estorce, alonga, serpenteia...

E é tão suave esta voz que a Natureza enleia,
e os sentidos me toma, e m'os vae mollentando;
creio mesmo fitar de sereias um bando,
pois nesta melodia ha ondeios de sereia.

Cada nota que, no ar, mollemente, fluctua,
é um seio nu, é um ventre nu, é a fórmula nua
das mulheres sensuaes de bambas carnes curvas.

E, toda languidez, espasmos, elasterios,
esta musica põe nos silencios ethereos
uma continuidade intermina de curvas...

*

* *

Sobem, na longa esguieira dos galhos resequidos,
estes sons para os quaes meu pensamento externo...
Sinto neve cahir, ouço longos gemidos
de arvores expressando o seu pezar interno.

Perto, um piano a vibrar, tão lugubre quão terno...
que alvas, tremulas mãos arrancam taes ruidos
que, glabros, sêccos como as fôlhas pelo inverno,
vêm cahir, subtilmente, agora, em meus ouvidos?

E' uma noite estival esta que anda lá fóra,
mas eu tenho a visão triste do outomno, enquanto
o piano scisma, o piano geme, o piano chora...

Ha uma queixa que sobe a paragens ignotas...
tremulam no silencio alvas gottas de pranto...
plange o piano, pingando as derradeiras nottas...

*
* *

A minha irman Magdalena

Na calma circumdante uma voz se desata...
cantas e, por te ouvir, a sonhar principio:
acho-me com certeza ante alguma cascata;
o ambiente é mysterioso, é segredante e frio.

Burrifa-me a epiderme um halito de prata...
Em deslizes fluviaes, de suave murmurio,
tua voz me conduz á espessura da matta,
onde da agreste flôr vaga o cheiro macio.

O som cresce, se alarga e como que descansa...
já não é mais um rio a tua voz, é mansa,
lisa lagôa, ao luar dormindo um somno brando.

E, quando na garganta a ultima nota estancas,
os echos pairam, como azas longas e brancas
de cysnes, por todo o ar, lentos, se espreguiçando...

*

* *

(Ouvindo um solo de violoncello)

Vem de uma escura, de uma esconsa furna,
vem de abysmos, talvez,
esta voz cava, profunda!

Não vês, minha alma, a solidão, não vês
a somnolenta paz que te circumda?

Esta soturna

voz, que ora se avoluma e no ar se eleva,
é a voz da propria Treva
que, quebrando a mudez
antiga, millenaria,
conta, numa aria,
toda a amargura da viuvez.

Mas a Noute é tranquilla,

não vem da Noute a voz, certo não vem do Vento,
porque nem mesmo o Vento ora sibila.

O meu olhar, attento,

a solidão perscruta:

a Natureza está numa calma absoluta,
apenas, de momento

a momento, vôam môchos,
num vôo incerto, preguiçento.

Pelos espaços mudos,
o som se estira, num lamento
lento... lento...
lembra um desdobramento
de velludos
longos e rôxos...
mas logo ascende e, num «crescendo», estronda,
invade
a noute neblinosa, turva,
a desdobrar-se, curva a curva,
numa continuidade
de oceano: onda após onda.

Debruçada á janella,
supponho se inundar
de grandes vagas o ar,
pois, na minha audição que se alonga para ella,
a voz chega e se espraia,
tal como o mar que longe se encapella
e vem se desfazer em caricias na praia.

Esta musica triste,
esta musica equorea,
tenho-a recente na memoria;
minha alma, quantas vezes tu a ouviste!

Oh! como então eu reconheço
esta voz linda e austera,
esta voz que, em começo,
vinda da Noute supuzera!
Reconheço-a tão bem como si a minha fosse,
é a voz da minha dôr que anda lá fóra...
alou-se
a minha dôr,
e está contando á Immensidade, agora,
todo seu dissabor.

Quantos annos a trouxe no meu peito,
— a dôr do meu desejo insatisfeito,
— a dôr de uma illusão desilludida,
dôr que criei ao meu geito,
muda como si não tivesse vida!

.....

Pelo silencio afóra,
a voz grita, a voz geme, a voz chora
e estertora...

E' minha dôr que ora se expande, em brados
de angustia e de revolta,
é minha dôr que, finalmente, solta
todos os ais outrora suffocados.
Ouve-a o Silencio, a Solidão, a Sombra,
ouve-a o Céu, ouve-a a Terra, lado a lado,
tudo num ar de quem se assombra:
calado ! estatelado !

Como vinda de longe,
de novo a voz se abranda e, calma e grave,
lembra o sermão de lagrimas de um monge,
dentro de escura e vazia nave.

Faz-se o rumor inda mais suave,
inda mais brando...
e, pouco a pouco, desmaiando,
num «smorzando»,
dentro da noute a voz desata,
neste momento,
o suspiro prolongado
de uma «fermata...»

.....

Minha dôr, minha dôr, esta voz é bem tua,
são teus este desalento
e este suspiro que pelo ar fluctua...

.....

Agora indo,
e logo vindo,
morrendo, resuscitando,
é um desejo casto e lindo,
que hesita, de quando em quando,
a voz, ora indo, ora vindo,
numa «berceuse» soando.

E' o teu desejo embaladôr,
ó minha dôr,
que vem e vae para o meu Amôr!...

.....
O som, porém, toma expressões ignotas,
não é mais uma voz, tem varias vozes,
cada qual a gemer dentro das notas,
cada qual a contar maguas atrozes.
E' um ruido coral de paroxysmos
que agora chega aos meus ouvidos,
ruido que se eleva dos abysmos
da alma de todos os desilludidos.

E da multipla voz dentre os commovedores
rumores,
sem que o meu coração pudesse tal
suppôr,
em vão procuro qual
seja o da minha dôr,
porque esta voz, agora, é a harmonia das dôres,
é a voz da Dôr universal.

.....
Andam soluços, pelo ar, desatos,
em «pizzicatos»,
e as mesmas notas vibrantes,
antes,
um som escasso,
languido, lasso,
lembram arquejos de cansaço.

A voz expira...
por todo o ambiente,
ha qualquer cousa luzidia
que se desfia...

.....

A voz expira,
dolente,
mansa,
como a agonia
de uma creança...

.....

A voz expira...
e eu, que tão alta a ouvira
de sons enchendo todo o espaço immenso,
ouvindo-lhe o echo, o espiritual ascenso,
julgo-a uma espira
de incenso...

.....

Calou-se a voz e, em vão, ao somno appello,
calou-se a voz, porém, interiormente,
escuto o som de um «violoncello»...
é a voz da dôr, da minha dôr sem fim,
dôr da saudade, dôr com que te anhele,
dôr musical que está vibrando em mim.

Emotividade da Côm

A Dolores Marquez Caplonch
e a
Miguel Caplonch

Sete côres — sete notas erradias,
sete notas da musica do olhar,
sete notas de ethereas melodias,
de sons encantadores
que se compõem entre si,
formando outras tantas côres,
do cinzento que scisma ao jalde que sorri.

Ha momentos
em que a côr nos modifica os sentimentos,
ora fazendo hem, ora fazendo mal;
em tons calmos ou violentos,
a côr é sempre communicativa,
amortece, reaviva,
tal a sua expressão emocional.

Lançaê olhares investigadores
para a mancha dos poentes:
ha côres que são echos de outras côres,
côres sem vibração, côres esfallecentes,
melodias que o olhar sómente escuta,
na quietude absoluta,

ao Sól se pôr...
Quem ha que inda não tenha percebido
o subjectivo ruido
da harmonia da côr?

A alvorada é um «crescendo»,
a tarde é um «smorzando»;
as côres nascem quando a luz vae despontando,
as côres morrem quando a luz vae se escondendo.

Sempre que fito os arrebóes, lá no ar,
uma idéa em meu sonho se insinua:
andam perfumes, no infinito, a errar...
— rubro intenso, azul suave, roseo brando,
amarello atordoante,
alaranjado doce,
verde indeciso, rôxo leve...
oh! si possivel aspiral-os fosse!
quanto perfume deve,
neste instante,
o espaço saturar!
quantos perfumes trescalando,
mas tão distante, tão distante,
que só os posso vêr, não os posso aspirar!...

— A côr é o arôma em corpo e embriaga pelo olhar.

Côr é soluço, côr é gargalhada,
côr é lamento, é suspiro,

e grito de alma desesperada!
Muitas vezes a côr ao som prefiro
porque ella vibra sem rumôr,
porque a minha emoção é igual á sua:
— parada, estatelada,
dizendo tudo, sem que diga nada,
no prazer ou na dôr.

Olhar a côr
é ouvil-a,
numa expressão tranquilla,
falar de todas as sensações
caladas, dos corações;
no entanto, a côr tem brados,
mas brados estrangulados,
maguas contidas,
mudo querer,
ancia, fervor, emotividade
de desconhecidas
vidas,
que se ficaram na vontade,
que não conseguiram sêr...

Côres são vagas, suggestivas toadas...

Côres são emoções paralysadas...

.....
.....

Branco — espasmo... anemia...
O branco é uma visual anesthesia.
No branco
ha tal candor
que, quando nelle o olhar estanco,
julgo-o a infancia, a innocencia, a pureza da Côr.

.....
.....

Negro — somno das Côres fatigadas...
(penso ao transpôr, ás cegas, as estradas).

Negro é pezar, é purificação
espiritual;
flôres que se abrem só na noute escura
são
de brancura
virginal.

Negro... e a noute perscruto,
e me fico a sonhar, e me fico a suppôr:
o negro é a Côr de luto,
o negro é a dôr
da Côr.

.....
.....

Cinzento — meu pensar em que busco e repillo
a Vida; meu interno e interminavel poente;
meu céu de bruma, céu parado, céu tranquillo,
onde encoberto vaga o sol da minha mente.

Cinzento — indecisão, nascimento, agonia,
embryão do meu prazer, embryão da minha dôr!
vibram dentro de ti, em chromal harmonia,
a brancura e o trevor.

Nesse teu todo, ó côr scismatica e sombria,
sempre que afundo o olhar calmo, investigador,
supponho descobrir a cinza, a ruinaria
do meu primeiro amôr.

Abysmas-te em meu ser, meu ser em ti se abysma,
quando morre a Illusão, quando o Dia se escombra,
ó côr que na minha alma és a sombra da Scisma,
côr que na Natureza és a scisma da Sombra!

.....
.....

O rôxo entre o pezar e a alegria balança...
Rôxo — tristeza mansa,

tristeza em côr, côr da tristeza
da cella em que minha alma vive prêsa.

Rôxo — alegria do triste,
sorriso aberto para a Dôr,
pranto que eu vivo a rir desde que me surgiste...

Rôxo — alamêda em flôr,
de claridades turvas,
em cujas curvas
longas, fugidias,
vão se sumindo as illusões e os dias.

.....
.....

Roseo — Côr a sorrir,
sorriso da creatura
ante a loura visão de um sonhado Porvir.

Roseo — indecisa tonalidade
que não é illusão nem realidade.
Côr
de carne inda em flôr,

carne mal accordada,
carne que se prepara, que se apura
para em ancias fremir...
Carne diluida em côr...

Roseo — côr da Alvorada,
roseo -- alvorada do Amôr.

.....
.....

Qualquer cousa talvez de velhice ou de somno,
talvez de hypocondria...
um cantochão... um triste entono
de folhas a rolaem, pelo outomno...
um total abandono,
uma apparente calma
em que fico a mirar, no interior da minha alma,
de illusões se despindo o meu sonho mais bello...
esfolhada... hibernia...
amarello... amarello...

.....
.....

Rubro — loucura em côr, côr da loucura.
Rubro — carne inflammada em estos de paixão.

Rubro — o incendio interior que o corpo me tortura,
a constante tontura
que me puzeste na imaginação;
a côr través a qual te vejo,
num voluptuoso ensejo...
a exteriorisação do meu desejo.

.....
.....

No alaranjado a minha vista sente
uma alegria doente,
uma alegria de alma bôa,
que ri muito, apesar da doença que a magôa,
uma alegria triste,
que consiste
em rir, para alegrar
o alheio olhar.

Alaranjado

(repara bem, verás :) é o sorriso forçado,
é o meu sorriso cheio de pezar,
é o meu sorriso misturado
com lagrimas, si estou de ti perto, ao teu lado,
e a distancia entre nós vejo se desdobrar.

.....
.....

O verde as emoções me revigora,
o verde tem o dom
de me tornar louçan, a qualquer hora,
em qualquer parte, em qualquer tom.

Num impeto de vaga ou num surto de frança,
o verde é sempre uma esperança
que para o céu se lança.

Verde é o olhar com que te espio,
e o olhar com que tu me espias
(e os nossos olhos são noutes negras, sombrias).

Verde é o leito, é o macio
berço desta lembrança
em que tua visão, dentro em meu ser, descansa.
Verdes — as vagas que, a cada instante,
vêm e vão,
do meu coração amante
ao teu amante coração.

Verde é ancia incontida
de mar que quer subir, quer o céu alcançar;
verde é alegria distribuida,
em côr, a gargalhar;
verde é vigor, verde é vida

a irromper, a fugir da Morte, a frondejar,
nos estagnos, nas dôres e nas covas,
em esperanças, em plantas novas,
buscando a luz, as amplitudes, o ar.

.....
.....

De azul, de suave azul coloriram-se as rotas
do céu; azul é sempre expressão de bondade.
Ha na visão do azul um carinho de oressa
e uma promessa
de felicidade.

O azul nos suggestiona, nos persuade ;
mesmo quando tenhamos a alma oppressa,
qual de nós a sonhar não recomeça
ante um tranquillo céu de azulea claridade ?

Sempre, em rumo do azul,
a alma errante dos poetas segue, exul.
Azul é perfeição, é sonho, é ideal ;
azul é o brilho do mais limpido crystal :
azul é o jorro da agua mais pura,
mais torturada, mais batida.
No azul se fez um pouzo destinado
às almas que se vão da vida, sem peccado.
Azul diviso esta tortura,
este desejo de subida
que sinto pelas

distancias êrmas da azul altura.

Azul bemdito, de bellezas tantas!

— azul nas flôres mais delicadas,

— azul nos olhos mysticos das santas,

— azul nos olhos magicos das fadas,

— azul nos olhos vagos das estrellas.

Sonhemos sob o azul que tudo nos permite,
o azul que nos promette e nunca nos dissuade.

Bem-haja o azul da Immensidade,

esse azul sem limite,

esse azul liberdade!

Particularidades . . .

Muitas vezes, a sós, eu me analysò e estudo,
os meus gostos crimino e busco, em vão, torcel-os;
é incrível a paixão que me absorve por tudo
quanto é sedoso, suave ao tacto: a côma... os pellos...

Amo as noutes de luar porque são de velludo,
delicio-me quando, acaso, sinto, pelos
meus frageis membros, sobre o meu corpo desnudo,
em caricias subtis, rolaram-me os cabellos.

Pela fria estação, que aos mais seres erriça,
andam-me pelo corpo espasmos repetidos,
ás luvas de camurça, ás bôas, á pelliça...

O meu tacto se estende a todos os sentidos;
sou toda languidez, somnolencia, preguiça,
si me quedo a fitar tapêtes estendidos.

*

* *

Tudo quanto é macio os meus impetos dôma,
e flexuosa me torna e me torna felina.
Amo do pecegueiro a pubescente pôma,
porque afagos de vello offerece e propina.

O intrinseco sabôr lhe ignoro; si ella assoma,
no rubôr da sação, sonho-a doce, divina!
goso-a pela maciez cariciante, de cômá,
e o meu senso em mantel-a incólume se obstina.

Toco-a, palpo-a, acarinho o seu carnal contôrno,
saborêo-a num beijo, evitando um resabio,
como num lento olhar te osculo o labio môrno.

É que prazer o meu! que prazer insensato!
— pela vista comer-te o pêcego do labio,
e o pêcego comer apenas pelo tacto.

Impressões do luar

A Antonio Austregesilo

Azas longas, subtis, azas fôfas, de bruma,
pelo êrmo do infinito, erram, se espreguiçando...
Esta noute alva e fria o meu sonho avoluma,
creio, ao pallôr do luar, de anjos revôe um bando.

No deslize da brisa ha um carinho de pluma
pela minha epiderme a roçar, quando em quando.
Com leves mãos de sêda, o Silencio, uma a uma,
das horas vae desfiando as contas, vae desfiando...

Enluaram-se os jardins de chrysanthemos brancos,
e o luar, gélido, cáe, numa etherea esfolhada,
de flores a juncar planicies e barrancos.

A Terra, muda assim, nestas noutes serenas,
lembra uma creança morta, em neve amortalhada,
sob magnolias, jasmins, camelias, açucenas...

*

* *

Lua-cheia. Ante a noute eu me quedo e extasio:
uma espessa garôa anda o espaço a embaciar,
e lembra o céu —tão alvo e de estrellas vasio —
larga e poenta peneira emborcada em pleno ar.

Nestas noutes, assim, de silencio macio,
em que é pellucia o campo, a fronderia, o mar,
que delicia sentir, em cócegas, o Frio
os seus dêdos de neve em meu corpo passar!

Os perfumes me vêm, de momento a momento,
lentos, niveos, e penso: anda, por certo, o Vento,
em derredor de mim, flôres a desfolhar...

Como empoadas estão as arvores, na rua!
como tudo está branco! — é o arminho da Lua,
que, lá do alto, sacode o pó de arroz do luar.

*

* *

Eu na praia deserta e no alto a Lua cheia.
O céu calado pende, o oceano, calmo, guaia.
O luar, no azul, no solo e em quanto me rodeia,
põe levezas de gaze e alvuras de cambraia.

Como está branca, fôfa e gélida esta areia!
até parece luar porphyrisado a praia
em que, frouxo, indeciso, o meu passo vagueia,
emquanto o oceano espuma e um luar liquido espraia.

A limpidez do céu sómente a Lua empana,
través a luz, a noute é azul, de lado a lado;
ha no ar um cheiro manso e meloso, de canna.

A onda mela, é de mel este oceano indolente,
este luar, assim branco, é assucar derramado...
que doçura por toda a vastidão do ambiente!

Numa rede

Bem sei porque me sinto creança,
quando uma rêde me embalança!
— é que ha na rêde um rythmo igual
ao da canção lenta e macia,
com que eu, em creança, adormecia
no fôfo seio maternal.

A minha rêde é mansa, mansa,
de me agradar nunca se cança,
é a minha amiga mais perfeita;
como ao meu gosto se conforma,
e do meu corpo toma a forma,
e toda a mim se torna affeita!

A minha rêde no ar se lança,
como num mar todo bonança;
nella navego em ondas de ar,
para um paiz que é o da Chimera,
de onde me acena alguém e espera
alguém que eu vivo a desejar.

A rêde tem o gesto e a nuança
da hesitação: recua... avança...
e ao seu balanço leve e lento,
por mais que nella o corpo encôlha,
sinto-me fragil como a fôlha,
julgo-me toda entregue ao Vento.

Qual uma larga e basta frança,
a rêde vae e vem, balança...
e adormecendo ao seu vae-vem,
sobre o seu corpo quasi fluido,
sonho-me posta, com descuido,
nos braços languês desse alguem...

Na rêde o corpo, a rir, descança,
como num sonho uma esperança.
Dos meus pezares esquecida,
muito ao meu gôsto posta, vêde:
ao molle embalo de uma rêde,
fico oscillando para a Vida...

Poema de amor

(Versos antigos)

*

* *

Sonhei-te tantos annos! tantos annos!
eras o meu ideal de amôr e de arte,
buscava-te a toda a hora e em toda parte,
nessa ancia inexplicavel dos insanos.

Emfim, vencida pelos desenganos,
como quem nada espera que lhe farte
a alma faminta, exhausta de sonhar-te,
abandonei-me do destino aos damnos.

Surges-me, agora, em meio da jornada
da vida: vens do inferno ou vens da altura?
— não sei: mas de ti fujo, apavorada!...

E, em lagrimas, minha alma conjectura:
uma felicidade retardada
quasi sempre se torna desventura.

*

* *

Eu amo as amplidões, os largos descampados
onde póde minha alma as azas espalmar;
amo o desdobramento encantador dos prados
em que erra e se fatiga o meu ansioso olhar.

Eu amo o longe, o vago, os mundos ignorados
e o deserto ondulante e intermino do mar,
quando só vejo céu, céu de todos os lados,
e agua a se distender e a se indeterminar.

Amo a longinquidade altissima dos cumes
dos montes; amo os sons, só porque elles me dão
sensações de infinito, assim como os perfumes.

Amo-te (e neste amor o meu gosto se apura),
porque me perco em ti qual numa vastidão,
porque ao teu lado sinto a vertigem da altura.

*
* *

Sêr a atmosphaera que respiras,
conter-te em mim como numa redôma,
entrar-te pelo olfacto, assim como as espiras
invisiveis, do arôma. . .

Sêr teu ambiente,
sêr teu espaço circumdante,
sentindo em mim roçar, constantemente,
teu gesto palpitante. . .

Sêr o silencio em que te enfurnas,
guardar teus lentos
pensamentos,
pelas horas nocturnas. . .

Sêr o teu somno, sentir-te assim
como ninguem te sente
— abandonado completamente,
completamente esquecido em mim. . .

Oh! meu prazer!
— sentir-te e penetrar-te;
— em toda hora, em toda parte,
gostar teu sêr!
sem que o pudesses perceber;
— sêr por ti absorvida;
— encher com minha vida a tua vida.

*
* *
*

Longe de ti, minha ancia exige-te ao meu lado,
quer te sentir o corpo, a carne impura e viva,
quer a certeza ter de que estás humanado,
gosar todo o calôr que de ti se deriva.

Mas, não sei si porque tanto te haja sonhado,
esta paixão se fez apenas subjectiva;
corro a ti! (e o meu sêr é um chamamento, um brado...)
— cada vez mais de mim tua fórmula se esquivava.

Busco-te: logô vens; sinto-te os passos lesto
e subtis (mais subtis só caminham as brisas),
trazes odôr na voz, nos olhares nos gestos.

E, de ti perto, toda esta ancia se resume
em ter a persuasão de que te evaporisas,
em ficar a absorver-te, a gosar-te em perfume.

*

* * *

Sinto-me langue, muito langue,
nesta noute de ténegra e calôr...
foge-me a vida...
foge-me o sangue...
parece-me que estou sendo absorvida
pela Treva, lentamente...
mesmo tu, meu Amôr,
te esvae na minha mente,
perdes a fórma e a côr...
e, ó meu Amor,
meu sonho lindo!
eu quero em ti pensar, mas tu me vaes fugindo...

E, enquanto eu desanimo,
a treva para mim vae se animando,
parece ter até gestos de mimo...
sinto-lhe o halito brando,
sinto-a, como um vampiro
formidando,
todo meu ser sugando...

Venta?... não sei si é o Vento...
estas enormes, palpitantes alas,
seja a Noute talvez que esteja, ora, a agital-as.

Fraqueza?... somno?... desfalecimento?...
— ignoro o meu estado,
porém julgo o meu corpo transformado
em liquido e, no ambiente, derramado...

Não tenho forças nem para um suspiro...
que deliciosa calma!...
morro? — não; mas ignoro onde é que anda minha alma

Fugiste-me, fugiste, num arranco,
meu Amôr, meu Amôr... como te estás distante!...

E' noute, mas, da noute deante,
eu vejo tudo branco...

*

* *

Ha momentos
em que os meus sentimentos
vencem as vastidões dos espaços ethereos ;
momentos
lentos,
em que eu sou toda elasterios ;
momentos
em que os meus sentides,
indefinidamente distendidos
em desejos eguaes
— elasticas serpentes —
seguem, ó meu Amôr, para onde estás.

Não sei mesmo si os sentes,
por estes dias longos, indolentes,
dias de ausencia que não findam mais.

Mas eu me sinto muito além
de mim,
lá, onde um máo destino te retem ;

mas eu me sinto muito esguia e muito extensa
(e bem
me sinto, assim),
espreguiçada na distancia immensa
que vem
de ti para mim...

*

* *

Na plena solidão de um amplo descampado,
penso em ti e que tu pensas em mim supponho;
tenho toda a feição de um arbusto isolado,
abstracto o olhar, entregue á delicia de um sonho.

O Vento, sob o céu de brumas carregado,
passa, ora langueroso, ora fórte, medonho!
e tanto penso em ti, ó meu ausente amado!
que te sinto no Vento e a elle, feliz, me exponho.

Com caricias brutaes e com caricias mansas,
cuido que tu me vens, julgo-me toda tua...
—sou arvore a oscillar, meus cabellos são franças...

E não podes saber do meu gôso violento,
quando me fico, assim, neste êrmo, toda núa,
completamente exposta á Volupia do Vento!

*
* *
*

Chamo, grito por ti!... tua audição
ha de sentir a minha voz afflicta
vencer desta distancia a immensidão;
os teus ouvidos
hão
de me escutar...
é tal a vibração
da minha voz
a te chamar,
que ha de mover as ondas do ar,
que ha de vencer esta distancia atroz!

E chegará aos teus sentidos
a minha voz esfallecente, fatigada,
pela distancia quasi infinita...
e não será a minha voz de então,
terá outra inflexão,
um som mais brando...
acolhe-a com carinho:
é que ella foi perdendo as forças na jornada,
é que ella foi deixando
pedaços de alma pelo caminho...

*

* * *

Por este fim de dia
— ponte alongada e esguia —
paira suspensa
no ar
esta saudade imensa,
esta saudade que se encaminha
da minha vida para a tua,
da tua vida para a minha.

E, dessa ponte singular
em meio,
movidas pelo mesmo irrefreavel aneio,
uma para a outra, vão seguindo
as nossas almas, neste occaso lindo.
Vão seguindo... vão seguindo
até que, uma da outra rente,
lá no longe, no vago,
onde termina o poente,
num leve e mudo afago,
ficam se sentindo,
demoradamente...

A saudade é o caminho conductor
de um Amôr a outro Amôr...
é a estrada etherea e movediça,
que fluctua
e se espreguiça,
como um odôr...
della na remançosa e invisã estancia,
juntos, pairamos sobre uma abysmal distancia.

*

* *

A luz lyrica da Lua
actua em qualquer ser, em qualquer coisa actua.

Nas noutes calmas, de brancura accêsa,
em que o luar illumina o firmamento,
todas as forças da natureza
vibram, na sensação do mesmo sentimento.

— E' a communhão do amôr:
desde a arvore gigante
á minuscula flôr,
da agua do mar berrante
á agua do rio cantador;
o amôr em tudo medra;
amam o homem e a fera,
ama a estrella no espaço, ama no solo a pedra,
a Lua tudo para o amôr acera.

Vê, observa, entretanto:
quietude na agua, na fronderia,
quietude plena, plena inanição;

é que o luar a materia anesthesia,
ao luar sómente a alma tem vibração.

E, emquanto,
prêsa desse encanto,
em seus descuidos,
dormir parece a Terra
um somno quieto,
a alma dos seres e das cousas erra,
e o infinito, que está de desejos repleto,
é uma palpitação voluptuosa de fluidos.

A esse fulgôr
do luar,
protector
de tão brando,
andam as almas se procurando,
se procurando para o amôr...

E bem se encontram, nos caminhos do ar,
sob os lunares lumes;
e ha na altura
uma mistura
de pollens, de perfumes,
de essencias desprendidas
por todas as vidas.

Estados de Alma

196

Como se sentem bem, minha alma e a tua,
á luz lyrica da Lua!...

Nesta quietude, nesta solidão,
em nossos seres que tendencia, que attracção!...

Na ausencia a que te impões e a que me imponho,
para a germinação
de um grande sonho,
entras minha emoção, entro tua emoção...

Pelos do luar silencios longos, lentos,
os nossos pensamentos
são forças genitaeas que igualmente se dão...



O teu olhar
luzente,
lindo,
ora descendo, ora subindo,
a me fitar...
o teu olhar
manso, indolente,
dá-me a impressão de uma serpente
pelo meu corpo a se enroscar.

.....

São muito, muito mais macios
do que os teus dêdos, os teus olhares
longos, esguios...
Por me fitares,
eu sinto, a todos os instantes,
que os teus olhares
são como dêdos: acariciantes.

.....

Ha pubescencia
de adolescencia
nesses teus olhos de côr escura;
sinto-os, ás vezes, sem mesmo vel-os,
e fico prêsa na conjectura
de que os teus olhos são dous novellos,
duas madeixas que andas a desfiar,
pois, de sêdosos, lembram cabellos
os finos fios do teu olhar.

.....

Quando teus olhos bolem
nas orbitas, eu cuido
que delles para mim venha algum pollen fluido,
um luminoso pollen...

.....

Seja talvez, o estranho lume
dos olhos teus, fumo, perfume,
embriagador;
seja talvez uma bebida maga
o teu olhar... não sei, só sei que elle me embriaga,
só sei que nelle ha o sabôr
de um licôr
muito dôce, muito dôce,
que pelos olhos bebido fosse,
cuja embriaguez não poderás suppôr.

.....

Os olhos teus são dous tapêtes bastos,
são dous tapêtes de pellica,
onde, de rastos,
felinamente, se espreguiça
o meu olhar...

.....

Estes teus olhos são as alcôvas nupciaes,
confortantes alcôvas de velludo
onde me alheio a mim, me alheio aos mais,
e ao mal que em nós actúa...
onde sou tua,
apenas tua,
indifferente a tudo:
ao passado e ao porvir...
onde fico a dormir...
onde fico a sonhar...

*

* *

Mãos que commigo para sempre estão...
Mãos pequenas e finas,
com que afinas
minha emoção.

Foram-se os meus silencios taciturnos,
as tuas mãos enchem-m'os de ruidos,
tangendo languidos «nocturnos»
nos meus cinco sentidos.

Mãos de pellucia, que, em afagos lentos,
andam passando nos meus pensamentos...
Mãos que eu não sei dizer se são brunas ou alvas;
mãos que, sempre, minhas mãos, quando as colherdes,
heis de suppôr conter ramilhetes de malvas!...
Mãos nas quaes a sonhar minha magua descança,
mãos que, através do tacto, eu vejo verdes, verdes!
ó mãos do meu Amôr! — mãos da minha esperança!

Mãos com que, ás vezes, mal te atreves
a tocar-me, de manso, em gestos breves;
mãos plumeas, suaves,
que passeaes, que roçaes no meu desejo insano,
como as aquaticas aves
roçam, passeam no empolado oceano.

As minhas mãos que ebriez as toma,
ás tuas mãos que são de arôma!

As minhas mãos... não sei si as gosas,
não sei si as sentes,
porém supponho as tuas vaporosas
e as minhas absorventes.

As tuas mãos... premel-as, num violento
aperto, busco e emprego esforços vãos;
as minhas mãos sentires, num momento,
fortemente, procuras... baldo intento!
mãos que acarinho, mãos que acarinhas,
fazem com que eu conclua e com que tu concluas:
«fogem, se abstraem tuas mãos, nas minhas...
são dous espasmos minhas mãos nas tuas...»

Distancia enorme entre nós dous se espalma,
mas tuas mãos estão pousadas na minha alma,
minhas mãos absorveram tuas mãos.

*

* *

O Ideal, ó meu Amôr, não admitte contacto,
escapa-nos das mãos, é puramente abstracto.

Feliz de quem deseja um bem e não o alcança ;
o maior bem da vida é ter uma esperança
duradoura, é esperar o que nunca ha de vir,
é viver de illusões, é viver do porvir.

Na eterna decepção desta vida funesta,
teu amôr, meu Amôr, é o bem que hoje me resta,
e para conserval-o os meus instinctos torço,
porém, com quanta dôr, com que giganteo esforço !

Olha : eu te amo, não vês ? te amo com phrenesi,
e sempre te hei de amar, assim, longe de ti,
pois, para que um amôr se torne inextinguivel,
urge se lhe anteponha este abysmo — o impossivel.

Amemo-nos assim, sintámo-nos em sonho,
passemos a sonhar pelo mundo tristonho.

Amemo-nos assim, sem que possam suppôr
que o teu Amôr sou eu, que tu és o meu Amôr.

Eu contigo estarei, a todos os momentos,
a enroscar-me, a subir pelos teus sentimentos,
qual uma nova, abstracta e languida serpente.
Tu commigo estarás, dentro da minha mente,
de uma forma subtil, de manso, de vagar,
— igneo pôlvo — a minha alma a opprimir e a sugar.

Busquemos o silencio, as solidões completas,
não nos podem notar: amam a paz os poetas.
Si estou só, si estás só, quem, acaso, presume,
que a mim vens, que a ti vou, num raio, num perfume?

Ninguem ha de prevêr, que, num mudo scismar,
a nossa mutua união se possa realizar.

Bemdigámos, portanto, o pavoroso abysmo
que fez do nosso amôr apenas idealismo.
Mais valem da illusão as eternas delicias,
do que essas sensações doces, porém ficticias.

Amemo-nos assim, livremo-nos do Mal,
seja-nos o deserto uma alcôva nupcial,
abençõe o Silencio, apenas, nossa bôda,
e que todo eu te sinta e tu me sintas toda,
de uma maneira vaga, etherea, indefinida,
como a flôr sente o arôma e a carne sente a vida.

Nas tredas solidões, nos silencios mortaes,
eu contigo me estou, tu commigo te estás.

*
* *
*

Hontem, na sala calma, uma orchestra vibrava...
longos e cyanophtalmicos olhares,
pelo entreaberto reposteiro,
a Tarde flava
nos deitava;
estava em ti meu pensamento inteiro,
em mim estar deviam teus scismares.

Uma velha melodia
se estendia,
se enredava
e preenchia
o curto espaço que nos separava.

De olhos cerrados para o ambiente,
áquelles sons, eu via, nos espaços,
para mim se estenderem, lentamente,
teus longos braços...
via teus dêdos, tuas mãos finas,
tremulas, me buscando, nas surdinas,

e me alongava, pela audição,
para os appellos repetidos
dos ruidos.

Como te amei, então!
— as minhas esperanças
cresciam, rebentavam, quando em quando,
abriam bastas, viridentes franças,
em desgalhos de anceio te enlaçando.
Minha volupia preguicenta
desenroscava se, e dos desvãos
do meu recato,
ia, lenta, lenta,
para o contacto
das tuas mãos.

Em meio a tanta gente imbecil e damninha,
eu suppunha que aquella melodia
ora de mim te ia,
ora de ti me vinha.

Assim ficámos,
nesse ambiente,
como arvores, subindo, abrindo estranhos ramos,
serenamente...

A alma sempre se engana
pelos ouvidos;

na sua fluida filigrana,
a musica nos teve enlaçados, unidos...
quando a orchestra cessou (delicia curta e insana!),
os echos eram vinculos partidos.

Fóra, a Tarde morria...
qualquer cousa morria em nosso ser...
muda permaneci, permaneceste mudo:
que mais dizer eu te poderia,
que mais tu poderias me dizer,
si aquella melodia
disse tudo?!...

*
* *
*

Que importa não mais te vêr,
si te trago commigo,
dentro do mais escuso do meu ser?
Que importa não mais te vêr,
ó meu ausente amigo!
si repletos de ti meus sentidos estão,
si te tenho, através das noutes e dos dias,
a espiritualizar a minha solidão,
e meu silencio a encher de melodias?

Para tão puro amôr que vale a ausencia,
si uma telepathia pertinaz,
a cada momento,
vence-a,
e tua idéa para mim traz.
e a ti conduz meu pensamento?

Que importa tua fórma — a fórma da materia —
si o que em ti mais me seduz
é tua alma esplendente, pura, etherea,

é o que possues
de abstracto, de intangivel,
é tua essencia, é tua luz ?

Quero-te sempre assim,
meu eterno impossivel !
quero-te sempre assim,
num amôr caminhante,
sempre longe de mim,
mas me pairando na alma,
como na agua do mar revôlta ou calma
paira a visão do azul distante.

Quero que para mim sejas sempre um perfume,
sejas raio de sol, sejas fulgôr de luar :
— aquillo que se gosa e não se assume
— aquillo que se vê sem se poder tocar.

Quero que nosso amôr seja prolongamento,
seja indeterminismo ;
quero têr o sabôr do ineditismo
nesse teu insaciavel pensamento.

O affecto que te voto é bem diverso
desse outro — egoistico e perverso,
que a humanidade sente ;
e amôr que só se manifesta em verso,
que em verso ficará vivendo eternamente.

Por nossa mutua felicidade,
tolhidos devem sêr meus anceios e os teus;
guardemos este amôr com toda a castidade
de um culto para Deus.

Por este amôr me esquivo ao prazer turbulento,
por este amôr serei a monja da Tristeza,
da Renuncia entrarei para o convento.

Para este santo amôr todos os dias ponho
a arder o cirio do meu sonho.

Pela conservação do nosso amôr, desisto
dessa orgia carnal,
eternamente accêsa
para goso do Mal,
e, como as freiras sãõ as esposas de Christo,
serei a tua esposa espiritual.

As nossas affeições se tornarãõ tamanhas
que, ante a supposiçãõ das perfidas creaturas,
imperturbaveis, solidas, estranhas,
ficarãõ, na attitude das montanhas:
aggredindo as alturas!...

Sem lagrimas, sem gritos,
iremos — um para o outro, intimamente afflictos —

caminhando, seguindo,
nesta illusão azul, neste desejo lindo
que eterno ha de nos sêr por se não realizar. .
tu a mim vens descendo, eu a ti vou subindo,
como o mar sobe ao céu, como o céu desce ao mar.

*

* *

Uma
pluma...
e um gorgueio... e um arôma de cravo...
e um favo
melifluo... e uma nacarada
gotta das tintas da Alvorada...
Qualquer cousa, afinal, que em si resuma
sabor,
perfume, som, maciez e côr,
eu trago, meu Amôr,
nos sentidos
pairando,
desde quando
os teus labios e os meus se ficaram unidos.

Debalde o meu segredo aos mais seres encubro,
debalde: o beijo teu manchou-me a bocca,
tal como um vinho rubro.
Talvez
me julgues louca,
mas supponho que estão

todos ouvindo
o beijo teu nos labios meus cantar;
tenho a impressão
de que me deste um beijo infindo;
sinto ainda o roçar
da sua aza macia;
o seu sabor tão doce inda me delicia,
inda, de quando em vez,
fecho os olhos, sentindo
do seu perfume intenso a rapida embriaguez.

Cheia de ti, eu, com delicia,
cuido
que, naquella caricia,
tu te esqueceste em mim em fluido;
foi, com certeza, num descuido,
numa vertigem de prazer,
que se ficou, de todo espalma,
tua alma na minha alma,
teu ser
a encher
meu ser.

Oh! bemfazejo olvido
o desse curto instante
que fez com que commigo eu te traga, Querido,
quando me estou tão só, quando te estás distante!

Como num beijo uma alma em outra se insinua!
Num beijo foste meu e num beijo fui tua!...

Tudo quanto pudera,
até então, se oppôr
ao nosso amôr,
tudo raso ficou, só elle ascende e impera!
Quem póde capturar o fugitivo odôr,
depois que elle se espalha na atmosphaera?

*

* *

Pela minha saudade caminheira
que ha de te procurar a vida inteira ;
por meu silencio que de sons encheste ;
por este
beijo que se ficou, oscillante e impreciso,
nos meus labios suspenso, a vibrar como um guiso ;
pela esperança desesperada
que, em desganhos de dôr, se abre, na estrada
da minha vida ;
pela desillusão que eu conservo illudida ;
por minha solidão que povôas de aroma ;
pela vertigem que os meus membros toma ;
pela alma que te espera em meus olhos, de bruços ;
pelos olhos em que te fecho em mim ;
pelos meus prantos ; pelos meus soluços ;
pelos meus brados ;
pelo festim
das minhas dôres, quando o teu vulto me assoma ;
pelos meus pobres sonhos despertados
— sonhos da minha insomnia em ti pensando ;
pelo olhar que se estende e me procura,
de tão distante,
illuminando a minha noute escura ;

pelo olhar envolvente e penetrante
que eu sinto, a cada instante...
pelas mãos com que me acenas,
de longe, quando em quando,
pelos escolhos, pelas penas
que eu soffro, sem sentir, as tuas mãos buscando;
pelos fluidicos carinhos
que andam passando, pelos caminhos
do meu ser;
por meu intermino querer
a ti, senhor das minhas agonias!
todas as noutes, todos os dias,
conservarei vivas, accêsas,
minhas constantes phantasias,

Vida que me persegues, que eu persigo,
eu te bemdigo, Amôr, eu te bemdigo!

Curvo-me a ti, num culto singular,
pelo sabôr de todas às tristezas
que me deste a provar.

Silencio

A Julia Duque Estrada

O silencio é a expressão
mais alta da emoção.

Amo o silencio largo e lento
porque elle é a voz mais verdadeira,
é a voz do sentimento.

Amo o silencio a que me entrego inteira,
porque a minha audição, a cada instante, fira
a sonora mentira.

Amo o silencio evangelizador ;
no silencio absoluto
é que eu me escuto,
é que eu percebo a voz da minha dôr.

O silencio me diz muito mais, muito mais
do que todos os sons : diz-me aos ouvidos da alma ;
nelle eu me sinto expansa, espalma,
elle, ás vezes, me traz
estranhos cabedaeas
dos quaes
disponho,
faz-me senhora do meu grande sonho,
dá-me a gosar, subjectivamente,
tudo quanto deseja a minha mente.

Ha no silencio a manifestação
de maguas desconhecidas ;
ouve o silencio e sentirás, então,
que milhares de vidas,
nessa mudez, gritam, em vão ;
nelle descobrirás vozes perdidas
na fatal decepção
de não
serem ouvidas...

Que suggestivos brados!
que imprecações agudas,
soltam as cousas mudas,
nos silencios profundos, prolongados !

Mas o silencio é muitas vezes delicioso,
e toda a natureza,

frequentemente, fica preza
desse silencio de extasis do goso.

Amo o silencio e estudo
o silencio de tudo :
o silencio de maguas,
— empedrado silencio dos rochedos ;
o silencio indeciso, ondulante, das aguas ;
o silencio vellosa e ridente das franças ;
o silencio febril dos olhos, quêdos
em espasmos de amôr, e o silencio das mansas,
lentas caricias de amorosos dêdos...
o silencio expressivo e falador das côres,
e o silencio dos rumôres,
em echos, agonisando...
o silencio sensivel dos odôres
— silencio de mil sons indefinidos,
mais sonoro que todos os rumores —
e o silencio formidando
dos pensamentos se gerando...
o silencio dos auges, dos extremos,
dos paroxysmos,
dos bens supremos,
das supremas desventuras ;
o silencio de dôres dos abysmos,
e o silencio de gôso das alturas.

Silencio todo suavidade,
silencio com que te busco,

ao lusco-fusco,
— peregrino silencio da saudade.

Silencio cheio de alaridos,
silencio de revolta
dos nossos miseros sentidos
contra o dever que escolta.

Silencio plumeo e roseo em que te vejo,
e, de ti longe, sinto-te ao meu lado,
todo em silencios, fluidificado;
— silencio sensorial do meu desejo.

E' no silencio que se expande
o que a phrase não ha de
nunca exprimir, por sêr divino ou grande.

No silencio ha uma voz de magestade
— a voz de Deus, talvez, —
e, ó cousas naturaes, sois todas humildade
no silencio, porque bem o entendeis!

Silencio mysterioso e constellado
da treva, amplo silencio em que me exalto!
Silencio enorme, que me falas alto,
silencio magico da luz!

Silencio lento, gerador das vidas !
— silencio da semente que produz !
— animado silencio dos embryões !
Silencio do ultimo transporte
da alma ! silencio estagnador da morte !
silencio que me attrahe e me intimidas !
silencio que compões
e decompões !

Deus

A João Ribeiro

Deus é luz? mas porque? (minha razão trepida,
e, exanime, baqueia, e desfallece quasi).
Deus é causa da luz, Deus é causa da vida,
a luz vem pois de Deus, sem que lhe seja a base.

Nunca pude descrer, por uma longa phase,
desse occulto creador que a amal-o nos convida;
quem poderá rasgar a mysteriosa gase
que enubla sua fórma etherea, indefinida?

Sinto Deus, muita vez, ouço-lhe a voz sombria,
mas na treva compacta e na calma absoluta,
não ao fulgor do Sol, aos ruidos do dia.

Verás a gestação da Vida; a tua alma eleva,
Homem! penetra a noute, o amplo silencio escuta:
não poderás negar que seja Deus a treva.

Olhando o mar

A Olga Sampaio Prudente

Sempre que fito o mar
tenho a illusão de achar-me diante
de um silencio amplo, ondulante,
de um silencio profundo,
onde vozes luctassem por gritar,
por lhe fugirem do invisivel fundo.

Deante do mar eu fico triste,
nessa mudez de quem assiste
reproducções do proprio dissabor;
deante do mar eu sou um mar,
a outro se appôr
e a se indeterminar.

O mar é sempre monotonia,
na calma
ou na tempestade.
Fujo de ti, ó mar que estrondas!

porque a tristeza que me invade
tem a continuidade
das tuas ondas...

Mas te amo, ó mar, porque minha alma e a tua
são bem eguaes: ambas profundamente
sensíveis, e amplas, e espelhantes;
nellas o ambiente
actúa
apenas superficialmente...
Calma de scismas, de extasis, de sonhos,
desesperos medonhos,
ancias de azul, de alturas...
— longos ou rapidos instantes
em que me transfiguro, em que te transfiguras..
Nos nossos sentimentos sem repreza,
nas nossas almas, quanta affinidade!
— tu sentindo por toda a natureza!
— eu sentindo por toda a humanidade!

Nos dias muito azues, o meu olhar,
attento,
a descer e a se elevar,
suppõe o mar um espreguiçamento
do céu e o céu um extasis do mar.

Ha nos rythmos da agua
marinha uma poesia, a mais completa,
essa poesia universal da magua.

O mar é um cérebro em laboração,
um cérebro de poeta ;
nas suas ondas, vêm e vão
pensamentos, de roldão.

O mar,
imperturbavelmente, a rolar, a rolar . . .
O mar . . . — conclúo sempre que medito
em sua profundez e em sua vastidão: —
o mar é o corpo, é a objectivação
do espaço, do infinito.

Conjecturando

A Osorio Duque Estrada

Luctar... mas para que?
para, em fim, cêdo ou tarde, sêr vencida?
Luctar... mas para que?
si a vida
é o que se vê
e se sabe: uma lucta indefinida,
onde qualquer sêr
que lucte ha de perder.

Exhausta, na existencia eu as armas deponho,
e, ao envez de luctar,
distraio-me a sonhar,
faço do proprio mal um motivo de sonho.

E' bem melhor soffrer a dôr definitiva,
dôr que ora se amortece, ora se aviva,
e é sempre a mesma dôr,
do que luctando, num constante abalo,

e alimentando da Esperança o anhelô,
caminhar para o Ideal, consegui-lo, alcançá-lo,
e, logo após, perdê-lo.

Convenci-me,
agora, de que o goso é um crime,
pelo qual nos cabe tetrica expiação.
Feliz de mim que ignoro do prazer,
tristes dos que muito venturosos são,
pois não sabem inda o que a soffrer
virão.

Ai dos felizes!

Ai dos felizes!

Bemdito sejas, meu pezar interno,
embora sempre me martyrisés!
Bem dita a dôr que no meu ser actúa,
porque, apezar de tudo, a Dôr é bôa
para quem a ella se habitua.

A dôr antiga
é uma dôr amiga,
dôe pouco a pouco, não magôa
quasi.

Ai dos que fruem da ventura a phase,
loucos, á espera de um prazer superno!

Ai dos que vivem nos enganadores
gosos desta existencia!

— A dôr inesperada é a maior dentre as dôres,

vem com toda a violencia
das vinganças...

Alma de onde sómente o riso escapa,
alma que da alegria não te canças,
olha que a Dôr prepara o seu bote, a socapa!...
si attingiste do goso a plenitude
é que ella bem te illude,
e se prepara e apura
— traíçoera — te engendrando uma horrivel tortura!

Viver... mas para que? Ai dos que amam a vida
por lhe haverem provado até então do prazer!
torturas soffrerão quando a virem perdida,
por amarem a vida
hão de cêdo morrer!

Ai do ser que accumula
o ouro das illusões!
— um thezouro prepara
para
satisfazer a Morte avara...
quantas riquezas vão para os caixões!

Ai daquelle que tem o corpo forte,
pois conservar a carne pura e san
é o mesmo que engordar a ovelha para o córte!
ai daquelle que, amanha,

saboreado será pela gula
da Morte!

Ai dos que se supõem vencedores
desta lucta e, embriagados de ventura,
passam alheios á Desgraça!...

Ai dos que gosam faustos e esplendores!
que tortura sem par,
por uma cova regelada e escura
um palacio trocar!

Veloz a vida dos felizes passa...

Ai dos ricos, que vivem sêmpre cheios
de vaidade e de bens roubados, bens alheios!
de que valem fazerem tanto mal,
si tudo hão de deixar pela Morte, afinal?!

Felizes dos que vivem na miseria,
de corpo sêcco, de alma exgottada,
pois nada levam para a funeria
orgia dessa velha deleteria.

Felizes desses que não têm morada,
que não têm confôrto,

não tiveram passado e não terão porvir,
que, quando a Morte, enfim, lhes fôr chegada
(ha sempre abrigo para um corpo morto!)
pouso conseguirão, em calma, hão de dormir.

Para os felizes tem a Morte horrores,
é o inferno com todas as torturas,
mas tem mysterios promissores
para as creaturas
que só souberam do travôr das dôres.

Cada dia que passa me persuade
que bem melhor que a felicidade
é a insensibilidade;
as delicias
da vida são ficticias,
e a morte é o meio singular
de não soffrer, de não gosar.

Feliz de quem se fez soffredora submissa
e desistiu da liça,
vencedora será quando a Morte chegar
porque lhe ha de burlar
a insaciavel cobiça.

Feliz de mim que, de illusões vasia,
vou me acabando, dia a dia,
do declive da vida na jornada.

Feliz de mim que não terei mais nada
para a Morte levar . . .

Feliz de mim que, a esfallecer, diviso
um goso doce, delicioso, manso,
pois si a morte não me fôr o paraiso,
ha de ao menos me sêr da tortura o descanso. .

Olhando a minha vida

Errei... Minha esperança, além, se esfuma...
sinto-me envelhecer... A Terra é linda!
mas a existencia, aos poucos se me finda,
sem que eu tenha gosado cousa alguma!

Sou producto de um erro; ha tanto vinda
é a dôr que no meu peito se avoluma,
que eu não sei si a adquirir ou si ella, numa
lei atavica, em mim perdura ainda.

Errei caminho, vim ao mundo atôa,
em vão minha alma libertar procuro
do pezo que carrega e que a magôa.

Minha existencia é toda, toda errada,
e, distendendo o olhar para o Futuro,
olho, perscruto, chamo, indago... — nada...

INDICE

INDICE

	PAGS.
No torculo da Fôrma o alvo crystal do sonho	13
Silencio.	15
Luz.	17
Ancia azul.	18
Natal	23
Estival	24
Perfume	26
Sandalo	27
Incenso	28
Odôr dos manacás	29
Rosas	30
Violeta	32
Sempre-viva	33
Aranhol verde.	34
Dentro da noute	39
Beijo	41
Sensual.	43
Olhos verdes	44
Olhos perfidos	48
Sino.	49
Versos verdes.	50
Espirituaes.	56

Indice

236

	PAGS.
Fala	59
Olhos	62
Lago	65
Rio.	66
Ironia do Mar.	67
Baiado das ondas	68
Tristeza da saudade	69
Nocturnos.	77
Falando á Lua	87
Ao som de um sino	90
Luar de inverno.	93
Íntimos.	96
Lunar	99
Canção de uma doente	103
Temporal	107
Noute selvagem	108
Insomne	109
Quadras simples	110
Ser mulher	111
Invocação ao Somno.	113

SEGUNDA PARTE

Possa eu, da phrase nos agrestes sons	123
Aspiração	125
Cabellos negros	129
Manhan de bonança	133
Helios e Heros	135
Tedio	136
Ante uma paisagem	137
Vibrações do Sol.	141
Volupia	142

Indice
237

	PAGS.
Symbolos	143
Impressões do som	145
Emotividade da Côr.	159
Particularidades	172
Impressões do luar	174
Numa rêde	177
Poêma de amôr	179
Silencio	217
Deus	222
Olhando o mar	223
Conjecturando.	226
Olhando a minha vida	232

TERMINOU-SE A IMPRESSÃO DESTE LIVRO
AOS 4 DE SETEMBRO DE 1918
NAS OFFICINAS
DA
«EMPRESA LITERARIA E TYPOGRAPHICA»
RUA DA BOAVISTA, 321 — PORTO — PORTUGAL



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).